

ensaio:
contracultura
como
instrumento
de

revitalização
urbana



AUTORIZO A REPRODUCAO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO,
POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRONICO, PARA FINS
DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Ce

Cabral, Laureane Danielle Andreassa
Ensaio: Contracultura como Instrumento de
Revitalização Urbana / Laureane Danielle Andreassa
Cabral. -- São Carlos, 2019.
126 p.

Trabalho de Graduação Integrado (Graduação em
Arquitetura e Urbanismo) -- Instituto de Arquitetura
e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2019.

1. Skate. 2. Contracultura. 3. Revitalização
urbana. 4. Urbanismo. 5. Cidade. I. Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:
Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229



**trabalho de graduação
integrado ii**

instituto de arquitetura e urbanismo, universidade de são paulo <iau/usp>

comissão de acompanhamento permanente

profa. dra. aline coelho sanches
profa. dra. akemi ino
prof. dr. david moreno sperling
prof dr. joubert josé lancha

orientadores do grupo de trabalho

prof. dr. joubert josé lancha
prof. dr. paulo césar castral

são carlos-sp
<novembro de 2019>



neste
caderno

- 12. questões
- 22. leitura rmsp
- 37. aproximações itaquera
- 54. processo projetual
- 70. 05 lugares
- 121. referências bibliográficas



resumo

Deriva da questão da destruição dos espaços públicos a busca por estratégias de revitalização urbana. Neste trabalho, visa-se realizar um reavivamento local pensando em espaços não institucionalizados que, portanto, não exerçam controle sobre quaisquer tipos de manifestações culturais, incluindo as que nem sempre são legitimadas como cultura.

Tendo em vista a discussão sobre gentrificação e a exclusão dos estratos sociais menos favorecidos que estes espaços geram, é proposto um sistema de intervenções construído a partir de espaços residuais e espaços subutilizados. Neste ensaio é adotado, como objeto de estudo, o distrito de Itaquera na Zona Leste de São Paulo.

Vale também destacar que, apesar das questões aqui levantadas tomarem o *street skate* como objeto central para exemplificar as dinâmicas e a apropriação da cidade através da contracultura, as intervenções são voltadas a diversas práticas culturais, buscando abranger o maior número de cidadãos possível.

. Busca-se, tendo este recorte em mente, usá-lo para discutir a precarização dos espaços públicos, as práticas intrínsecas a estes e as tensões causadas pelas disputas de território na cidade contemporânea.



questões

underground PIYGMAE Contracultura

[...] underground é algo alternativo às vias formais de acesso à cultura, ao lazer, ao prazer, às informações, à compreensão etc., que se coloca em oposição à estrutura capitalista e/ou à cultura de massa. Novos e diferentes modos de agir, que chocam quando saem de sua origem ‘subterrânea’ para trafegarem nas ‘vias superiores’.

Luis Eduardo da Silva (1995, p. 05), conforme citado por Brandão (2006, p. 36)

Pode-se entender o termo contracultura por dois vieses que, embora até certo ponto diferentes, relacionam-se entre si. Numa primeira e mais usual acepção, o termo invoca o conjunto de movimentos de rebelião da juventude que marcou os anos de 1960: o movimento hippie, o rock and roll, o uso de drogas, a liberdade sexual, entre outros fatores que eram movidos por um forte espírito de contestação, de insatisfação e desejo de mudança. Entretanto, como explica Carlos Pereira, contracultura também pode estar associada a algo mais abstrato ou menos específico do que os exemplos citados acima, sugerindo, por exemplo, um certo comportamento informal, um estilo descompromissado ou algum posicionamento mais anárquico que, de alguma forma, viesse a romper com “as regras do jogo”.

Carlos Alberto Messeder Pereira (1986), conforme citado por Brandão (2006, p. 42).

Este fator observado por Luis Eduardo da Silva diz respeito ao *underground* como um comportamento urbano. Na cidade, os indivíduos “*underground*” estariam reunidos em grupos, tribos, ocupando territórios e os demarcando por interesses comuns, fazendo do uso de determinados espaços verdadeiros pontos de encontro, locais propícios à confraternização e divulgação de idéias e ações.

A contracultura, por sua vez, é um termo inventado pela imprensa norte-americana; tornou-se frequente para designar manifestações que, de diferentes maneiras, passaram a se opor à cultura vigente e oficializada pelas principais instituições da sociedade do Ocidente, como a Igreja, o Estado e a Família. Vista por outro ângulo, ela também representa a insurgência de novas maneiras de pensar, agir e se relacionar socialmente bem como o *underground*.

A apropriação pelo capitalismo que aconteceu a partir dos anos 1980, passou o skate de sua origem “subterrânea” para as “vias superiores” como Luis Eduardo Silva explica no excerto sobre “cultura *underground*”. Por outro lado, Leonardo Brandão (2006, p. 17) destaca que mesmo incorporado pela indústria cultural, para usar o conceito consagrado de Theodor Adorno, e por isso sendo explorado de forma sistemática pela mídia, o skate parece conter algo a mais do que um simples esporte. A ascensão do skate vertical, praticado em pistas, evidenciou a dicotomia, desde a forma de apropriação do espaço até os conceitos morais que permeiam as diferentes modalidades, dos streeteiros *versus* pistoleiros (expressão nativa), ou seja, dos que andam nas ruas e dos que andam nas pistas.

Brandão também propõe um paralelo entre o universo do pixo e o do *street skate* que transmite a ideia da dicotomia *street skate versus* skate vertical. O autor de *Corpos Deslizantes, Corpos Desviantes: A Prática do Skate e seus Representações no Espaço Urbano (1972-1989)* alega que “enquanto os pixadores são considerados ‘vândalos’ por fazerem suas práticas em espaços ‘inapropriados’, os grafiteiros são considerados ‘artistas’. Da mesma forma, skatistas que utilizam determinados equipamentos urbanos que não foram construídos visando à prática do skate, muitas vezes são considerados ‘vândalos’, enquanto aqueles que praticam em espaços feitos para tal fim, como as pistas, podem ser considerados ‘atletas’.”

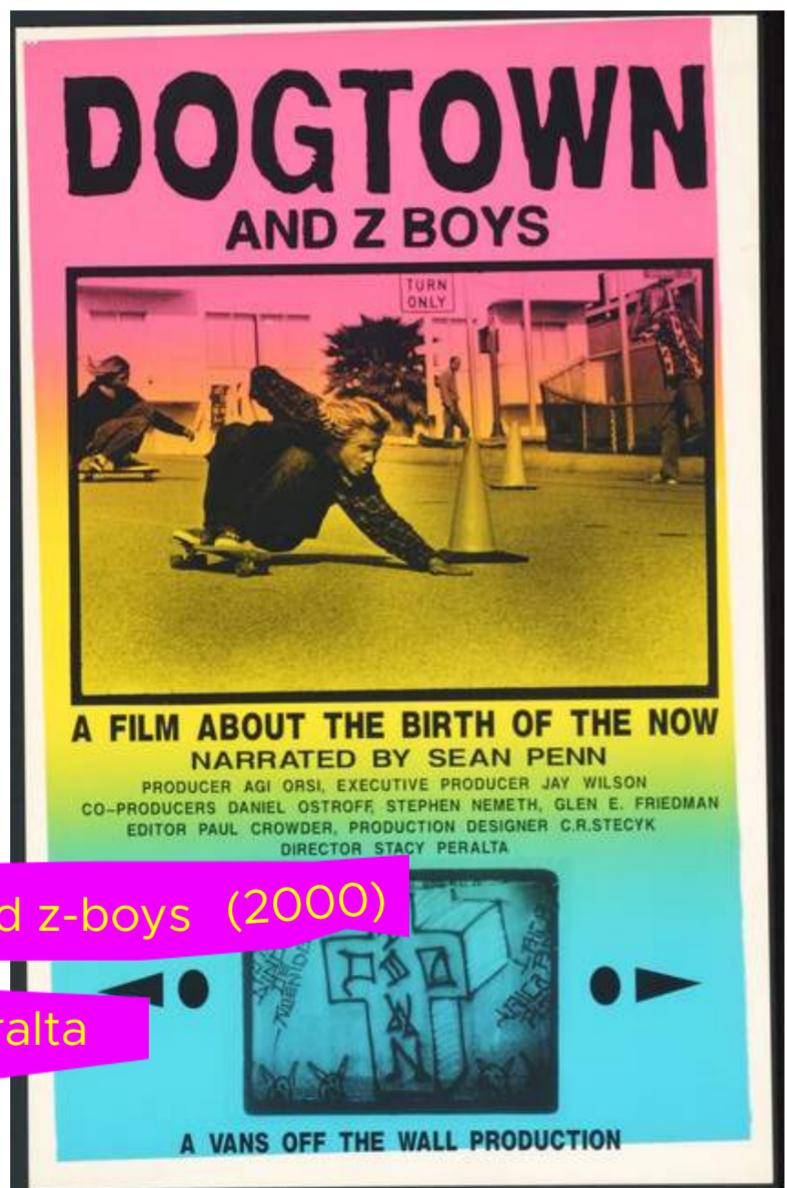
O que se deve notar, portanto, é que essa diferenciação do skate como um esporte radical, transgressivo e, muitas vezes, marginal, ocorreu menos pela sua aproximação com a contracultura (rock, hippie, punk) do que por sua apropriação sistemática dos espaços urbanos. Assim como o skate, a contracultura foi transformada em mercadoria, mas a prática de rua que o skate suscitou – especialmente a do *street skate* – mostrou-se transgressiva porque passou a questionar diversos valores ligados à vida organizada das cidades, demonstrando haver outras formas de utilização dos espaços urbanos e os subvertendo, ou ressignificando, enfim, rompendo com as “regras do jogo” como diz Carlos Pereira em seu livro “O Que é Contracultura”, de 1986.



hélio oiticica (1968)

A gente vê a cidade como uma pista de skate gigante. O grande lance é que a cidade está sempre em reforma, sempre em mutação, e a nossa pista está sempre com obstáculos novos para a gente brincar um pouquinho mais

Marcelo "Mug" (2011)



Contracultura
espaço urbano
skate

Desde a sua consolidação, já em meados da década de 1980, a modalidade *street skate*, como o próprio nome sugere, possui como objetivo central a prática do skate nas ruas das cidades. Entretanto, “andar de skate” nas ruas não significa dizer que os skatistas, munidos de seus “carinhos”, circulem por aí dando somente impulsos em asfaltos e calçadas, por entre pedestres, carros, motos, caminhões e outros veículos. Ao contrário, eles transitam e interagem com a dinâmica urbana tendo em vista a procura por picos, isto é, equipamentos urbanos dotados de certas características que possibilitam a prática do skate.

Os *streeteiros*, como muitas vezes se denominam os skatistas adeptos da modalidade *street skate*, na condição de cidadãos, vêem a cidade por meio daquilo que muitos deles chamam de “olhar skatista”. Essa expressão nativa reverbera a percepção que os skatistas possuem dos espaços e equipamentos urbanos; como exemplo, conforme já adiantado, dependendo de suas características os mesmos podem ser considerados picos, os quais se tornam obstáculos a serem superados. Desta forma, um corrimão não serve somente para dar segurança a quem utiliza uma escada, mas também para ser deslizado com o skate. Uma escada não é apenas para se passar de um nível ao outro, mas para ser pulada. Uma escultura não é só para ser olhada e apreciada, mas ao contrário, pode servir como uma inclinação propícia para manobras. Os exemplos se estendem aos bancos, às bordas, às placas de trânsito etc. Portanto, ao circular pelos espaços urbanos e ao ressignificar as finalidades atribuídas aos seus respectivos equipamentos, a cidade ganha novos contornos a partir das experiências dos *streeteiros*.

Enquanto os skatistas vêem o skate como um lazer, um esporte ou um trabalho, a visão preconceituosa de outras pessoas sobre a prática, frequentemente taxada de marginal, “baderneira” e “arruaceira” resulta na coexistência de relações de conflito, uma vez que se cruzam visões e práticas diferenciadas culminando em uma disputa de território na cidade contemporânea.

Embora tenham sido construídas diversas pistas de skate, observáveis em muitas cidades do Brasil, até mesmo em cidades pequenas e distantes dos centros urbanos aqui comentados, elas não afastaram os skatistas das ruas. Desde as primeiras publicações especializadas nesta atividade observou-se que essas revistas incentivavam o skate como uma prática urbana, fornecendo o nome de ruas e pontos na cidade desfrutáveis por esta atividade. Nas fotos, os skatistas eram glamorizados como domesticadores do urbano, verdadeiros heróis que faziam de tudo para domar aquele piso áspero e vencer o corrimão íngreme. Os bancos, as escadas, as muretas... cada nova manobra era imortalizada nas lentes dos fotógrafos de skate, cada local da cidade conquistado ou descoberto era sinônimo de festa, comemoração... (BRANDÃO, p. 129, 2006).



Heterotopia

Não foi ele que planejou aquilo. E não planejaram pensando nele. Aquilo simplesmente está ali. E não poderia ser melhor / Seus olhos brilham vendo o que ninguém mais vê. Sua mente viaja no que ninguém mais imagina. Seu coração acredita no que ninguém mais crê. E seu corpo vibra com o que ninguém mais sente / Em busca de emoções verdadeiras, ele foge das regras convencionais, cria novos conceitos e vence seus próprios limites / Misturando dimensões de tempo e espaço, ele transforma a ilusão de muitos numa realidade para poucos / As ruas escondem perigos, abrigam incertezas e oferecem desafios. Nas ruas ele mostra coragem, revela precisão e se torna um vencedor. / Entre formas frias e estáticas, ele se torna um ser colorido e móvel / Enquanto as pessoas se escondem em seus gigantes arranha-céus, ele encontra a liberdade a alguns centímetros do chão / Mesmo cercado por centenas de quilômetros quadrados de concreto, poucos metros são mais que suficientes para que ele concentre toda sua criatividade e energia.

(CALADO, Luiz. Revista Skatin, n. 6, p.30-39. 1989)

A noção de “heterotopia” aparece pela primeira vez no livro “As palavras e as coisas” de Michel Foucault, publicado inicialmente na França no ano de 1966. No livro, o autor menciona o conceito de forma inicial e, apenas em março de 1967, a partir da conferência denominada Círculo de Estudos Arquiteturais de Paris, (e publicada posteriormente no Brasil com o título de “Outros Espaços”), que o filósofo forneceu a noção com aplicações práticas.

Foucault afirma que “a heterotopia tem o poder de justapor em um só lugar real vários espaços, vários posicionamentos que são em si próprios incompatíveis” (FOUCAULT, 2009, p. 418). Nesse sentido, a virtude de tal noção estaria em nos induzir a uma compreensão mais complexa e heterogênea do espaço, permitindo-nos apontar a existência de percepções que fugiram da racionalidade moderna. Para Foucault, portanto, existiriam certos espaços que, em função da movimentação de atores e de seus significados, poderiam ser pensados como espaços inventados dentro de outros espaços.

No universo do skate, fazer de um corrimão um obstáculo e não um instrumento de ajuda para apoiar o corpo, usar escadas para saltos e não como um auxílio para se passar de um nível ao outro do pavimento são exemplos concretos e localizáveis de heterotopias; isto é, de invenção de outros espaços em espaços já existentes.

O *street skate*, conforme explanado nos tópicos anteriores, existe independentemente da presença de pistas e lugares “apropriados” na cidade. O espaço dessa modalidade, conforme anuncia Leonardo Brandão (2014, p. 59) é um espaço que literalmente corre, sai do lugar, e não tem lugar. Trata-se, fundamentalmente, de inventar novos modos de subjetividade, de leituras e de uso do corpo no espaço.

Diante disso, projetar um lugar específico para o *street skate* não é algo realizável pois este tem para si toda a cidade. Mas utilizar a noção de heterotopia para investigar o espaço urbano com sua multiplicidade de leituras e conflitos de interesse, identificando ossaturas, centralidades, espaços subutilizados e espaços residuais e, assim, ressignificando-os, é o caminho escolhido para este trabalho.

gentrificação revitalização urbana Contracultura

Uma verdadeira revitalização urbana através da cultura seria aquela que (...) reinstituísse nova vitalidade tanto urbana quanto cultural à área de intervenção, através das mais diversas iniciativas culturais, não necessariamente grandes projetos ou obras, mas que, no entanto, incorporem também a população e a cultura local.

(JACQUES, P. VAZ, L. Espaço & Debates. A cultura na revitalização urbana – Espetáculo ou participação?, n. 43-44, p. 134, 2003.)

Durante as últimas décadas jovens tiveram cada vez mais possibilidades de viajar. *Skating, break dancing, hip hop* e grafite estão sendo mais aceitos como maneiras de expressão cultural e lazer. Quando subculturas começam a criar uma vida cultural em uma área deteriorada, sua ação pode atrair um público que segue as novidades culturais e, indiretamente, atividades comerciais como restaurantes, lojas e galerias. A presença e manifestação física de subculturas podem acelerar ou até iniciar o processo de revitalização urbana.

(NEFS, Merten. Subculturas e revitalização urbana: experiências recentes em Amsterdã, Berlim e São Paulo. p. 4)

Grandes operações urbanas geralmente têm a valorização como objetivo e a gentrificação, como consequência. Muitos autores já discutiram sobre o paradoxo da gentrificação, a qual, por um lado, produz melhoramento do espaço urbano e da economia local e, por outro lado, promove exclusão social. Diante disso, são buscados caminhos para estratégias de revitalização urbana que anulem ou diminuam os efeitos da gentrificação.

Para chegar a uma discussão mais profunda sobre revitalização urbana, o presente trabalho busca ensaiar o reavivamento do distrito de Itaquera, na Zona Leste de São Paulo, através de estímulos a ocupação da cidade pela contracultura com pequenas intervenções em um conjunto de lugares residuais e subutilizados, configurando, assim, espaços público que se contrapõem a construção de grandes parques ou equipamentos urbanos desencadeadores de uma série de disputas neoliberais do território.

Apesar de neste trabalho serem estudados apenas alguns pontos selecionados, entende-se que essas intervenções podem ser replicadas em outros pontos do distrito de Itaquera e, até mesmo, da Região Metropolitana de São Paulo.

Também vale ressaltar a importância da incorporação da população e da cultura local no projeto, gerando o sentimento de identificação com o lugar e culminando na coexistência do público oriundo de outros pontos da cidades com a comunidade e evitando, assim, a exclusão de estratos sociais menos favorecidos.

O objetivo deste trabalho não é apontar uma resposta final sobre o assunto abordado, e sim levantar questões que gerem uma discussão sobre o papel da contracultura como ator urbano e sua importância como instrumento de revitalização.

leitura

rmsp



Já em uma primeira análise, a Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) surpreende por seus números. Formada por 9 municípios divididos em

5 sub-regiões (Norte, Leste, Sudeste, Sudoeste e Oeste) e com uma população de 21 milhões de habitantes (2015) distribuída em uma área de 7.945,96 km², a RMSP é a principal aglomeração urbana da América do Sul e a sexta maior do mundo, segundo relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) de 2014.*

Mas para além da alta densidade populacional, a RMSP se destaca por concentrar uma série de atividades diversificadas cujo o desempenho tem um impacto direto na economia brasileira, representando o maior complexo industrial e o principal centro financeiro do país.

Em paralelo com esse desenvolvimento econômico, a RMSP conta uma infraestrutura de suporte para essas atividades econômicas, concentrando os melhores serviços urbanos e sociais, comércio e serviços sofisticados, instituições de pesquisa e ensino superior de referência, uma complexa rede de atendimento à saúde e a maior oferta de grandes eventos e instituições culturais.

Contudo, apesar desse protagonismo, a RMSP apresenta uma série de contradições internas: em infraestrutura social e urbana e em serviços públicos, déficit de unidades habitacionais, com significativa parcela da população vivendo em assentamentos precários e em áreas de risco, gargalos em mobilidade e logística, necessidade de ampliação do sistema de saneamento ambiental e de crescimento da competitividade econômica.**

Todas essas contradições que são evidenciadas quando se compara as regiões centrais com as regiões da borda da RMSP também podem ser percebidas dentro do próprio município de São Paulo, que integra todas as sub-regiões do RMSP, a partir da análise do Mapa da Desigualdade (2018), estudo que compara os 96 distritos da capital em diversos aspectos, entre eles população, cultura, educação, educação infantil, esporte, habitação, saúde, meio ambiente, violência, trabalho e renda.

Esta desigualdade econômica se reflete no tecido urbano formando padrões de segregação urbana que refletem e reforçam as desigualdades sociais verificadas historicamente no país. A partir da análise da cidade de São Paulo é possível, por exemplo, identificar um padrão no desenvolvimento determinado pela concentração das classes de alta renda numa parte do território denominada por Villaça de “Quadrante Sudeste”.***

Como consequência da ocupação de uma dada região da cidade quase que exclusivamente por uma classe social de elevada renda, esta classe acaba também concentrando outras vantagens, de caráter essencialmente urbano, que se somam às vantagens econômicas que já detém.

Em contrapartida, as pessoas que não tem opção de escolher onde viver acabam ocupando bairros periféricos com uma infraestrutura urbana deficitária. Esta desigualdade social refletida na ocupação urbana é claramente perceptível através de levantamento de equipamentos culturais, que são menos presentes nas bordas de São Paulo. Os empregos formais também seguem essa mesma lógica territorial: muitas pessoas que moram na periferia enfrentam todos os dias horas de deslocamento no transporte público para conseguirem trabalhar no centro, onde a disponibilidade de empregos é maior.

Outras evidências da ocupação heterogênea dos espaços urbanos que reforçam a desigualdade social são as maiores taxas de loteamentos informais e favelas nas bordas e concentração da população negra em determinados bairros periféricos enquanto todos os bairros centrais são majoritariamente ocupados por uma população branca.

Segundo o economista Armando Palermo, estes padrões de segregação urbana identificados em São Paulo tem consequências profundas inclusive na âmbito político da sociedade:

“A começar pelo seu caráter antidemocrático. No regime democrático, vale assinalar, as pessoas são consideradas equivalentes. No entanto, é preciso que essa equivalência ocorra para além do momento da eleição, no qual cada eleitor representa um voto. Uma decorrência do modelo de ocupação urbana das nossas metrópoles é o apartamento da sociedade. Estão sendo criados cidadãos de primeira, segunda e terceira classes. Nós precisamos de mais equidade. Não é possível que continuemos reproduzindo um padrão que legitima mecanismos tão evidentes de promoção de desigualdades.”****

A visível discrepância entre os bairros ricos centrais e os bairros pobres periféricos não passaram despercebidos nem pelo poder público nem pela iniciativa privada. Contudo, normalmente as discussões em torno da formulação de políticas públicas voltadas para o ordenamento urbano são protagonizadas por grupos e corporações do setor imobiliário, de grande poder financeiro e alta influência política de modo que a sociedade civil tem pouco espaço para interferir nessas decisões, mesmo sendo na maioria das vezes a principal interessada.

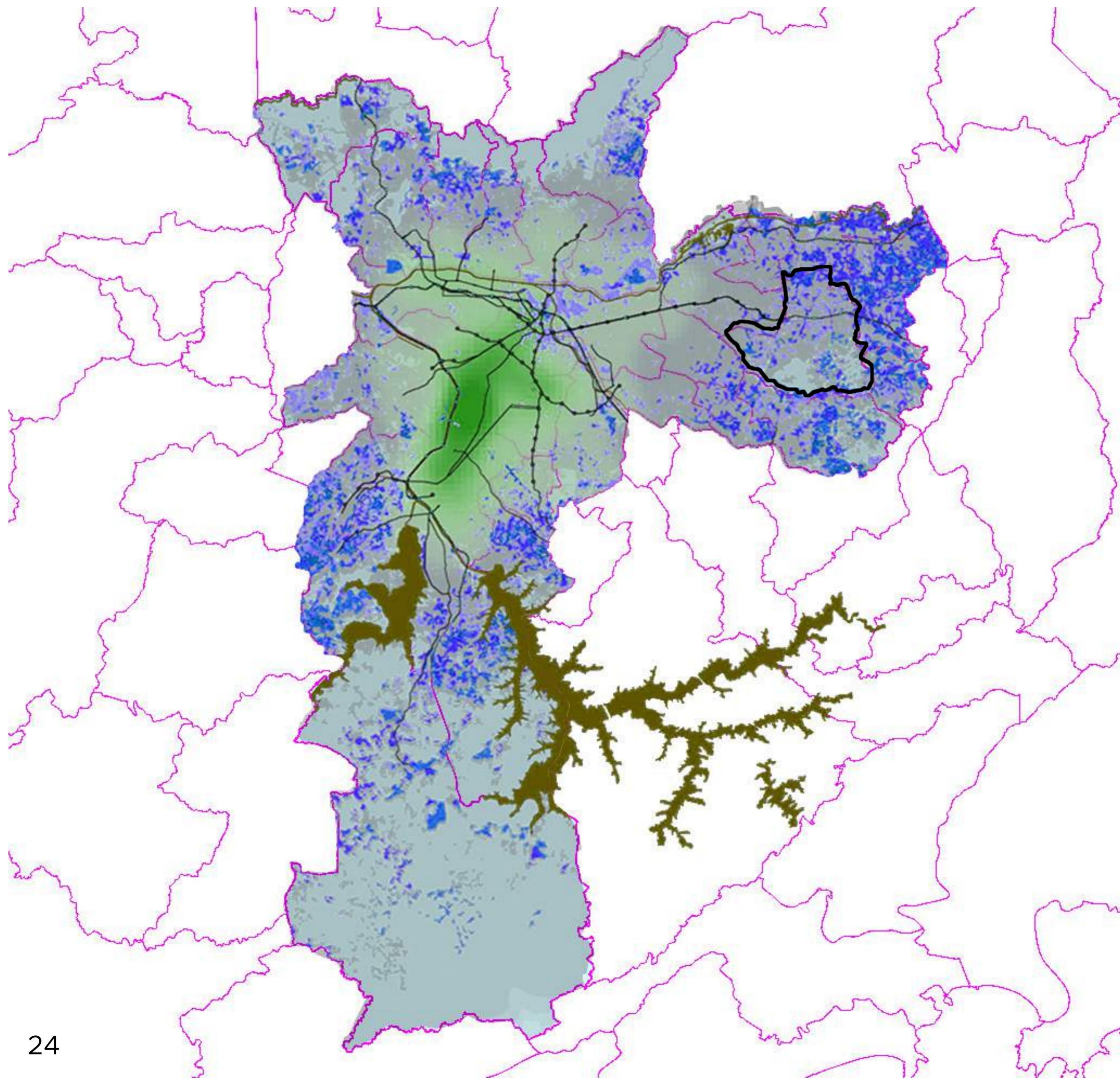
Como consequência da ação do poder público nos espaço periféricos a partir de políticas públicas que pouco ou quase nada levaram em conta as necessidades da população desses locais, se tem a valorização desses espaços e a subsequente expulsão das pessoas que pagam aluguel e vivem nesses locais. Deste modo, as intervenções nestes espaços periféricos em vez de se prenderem a solução prontas e estruturas cuja a ineficácia já foi comprovada inúmeras vezes, precisam focar nos moradores e usuários desses espaço.

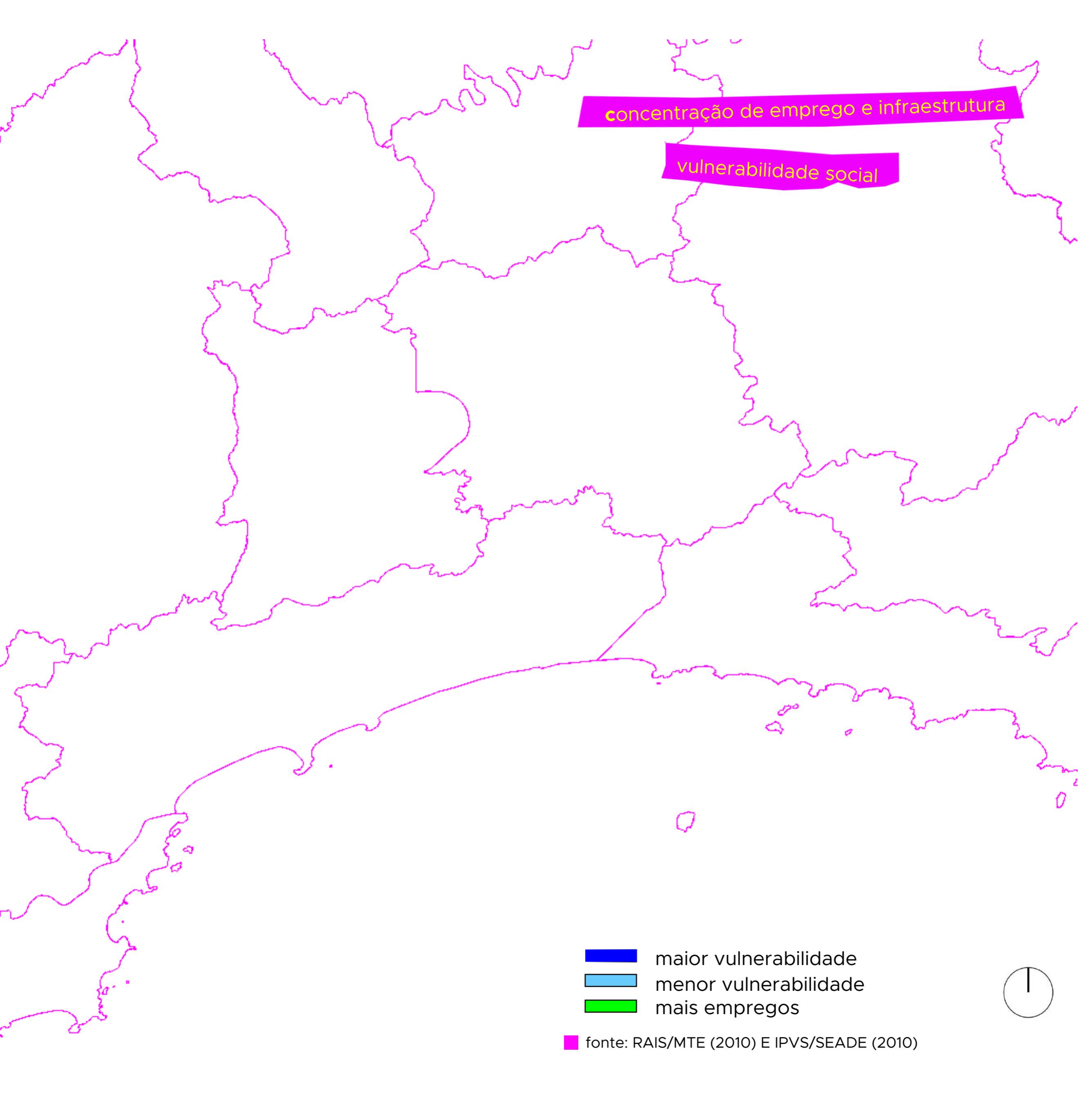
* https://www.pdui.sp.gov.br/rmsp/?page_id=56

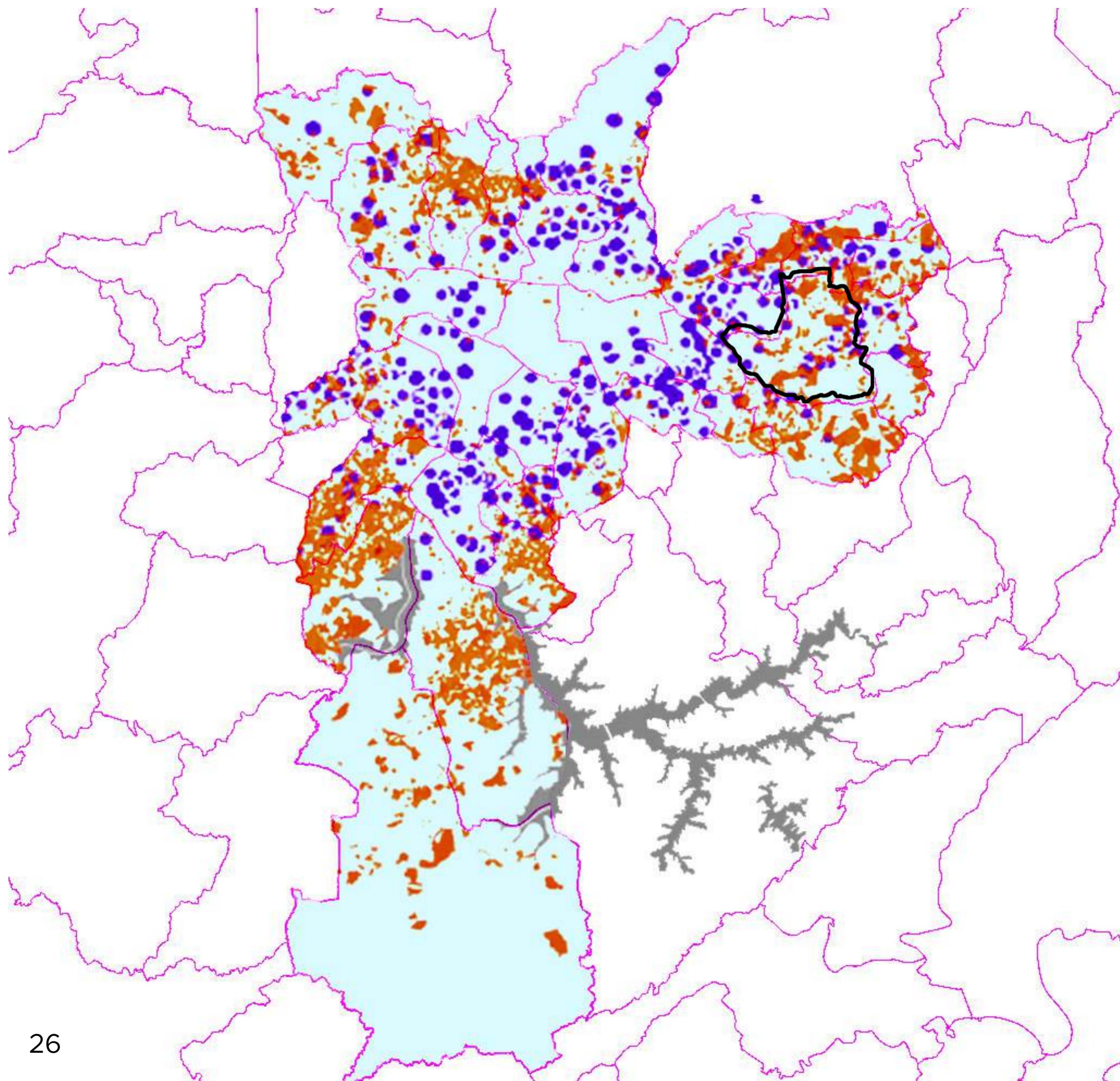
** https://www.pdui.sp.gov.br/rmsp/?page_id=56

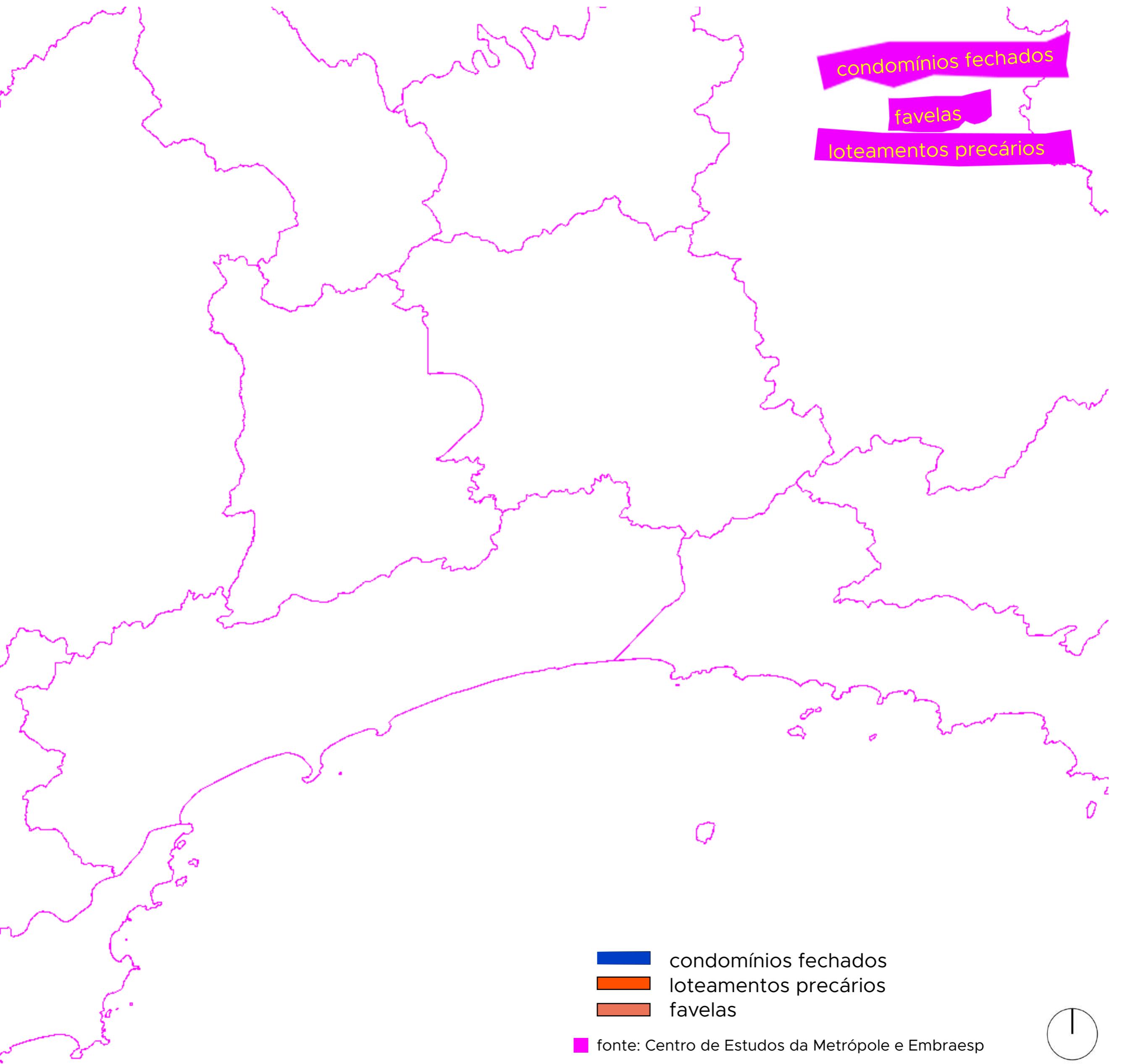
*** <https://www.unicamp.br/unicamp/index.php/ju/noticias/2018/03/12/sao-paulo-uma-metropole-para-poucos>

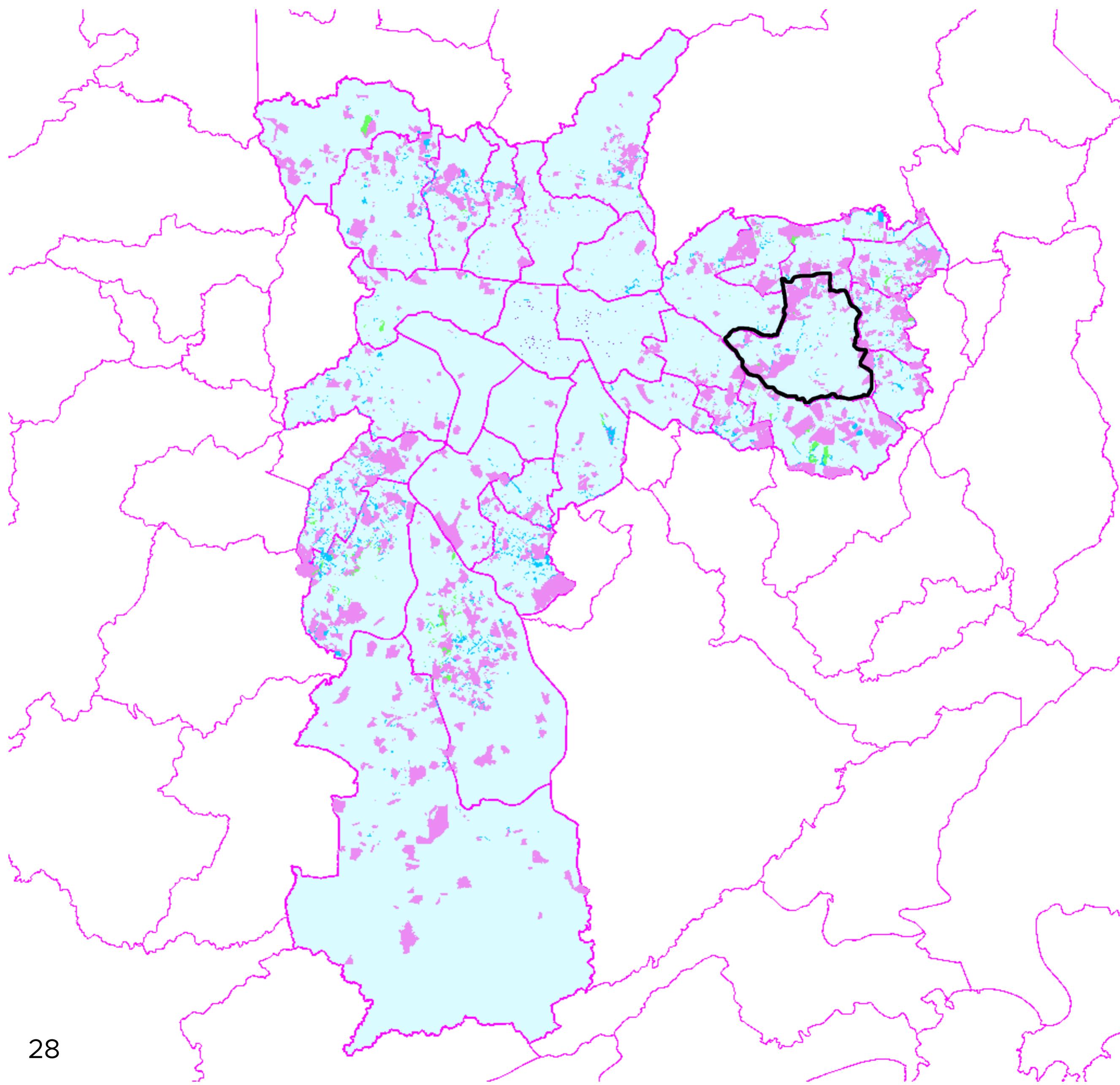
**** <https://www.unicamp.br/unicamp/index.php/ju/noticias/2018/03/12/sao-paulo-uma-metropole-para-poucos>

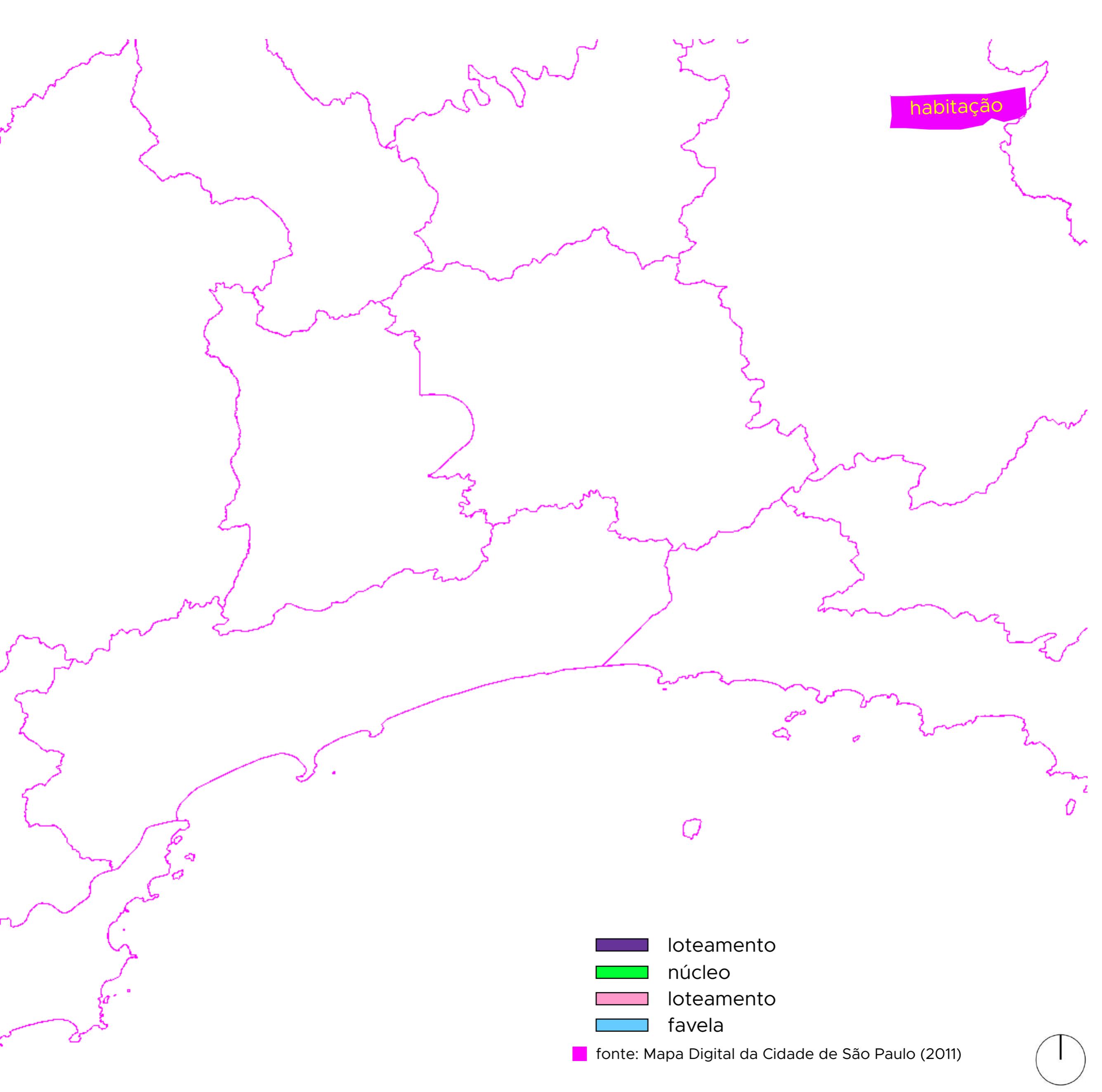


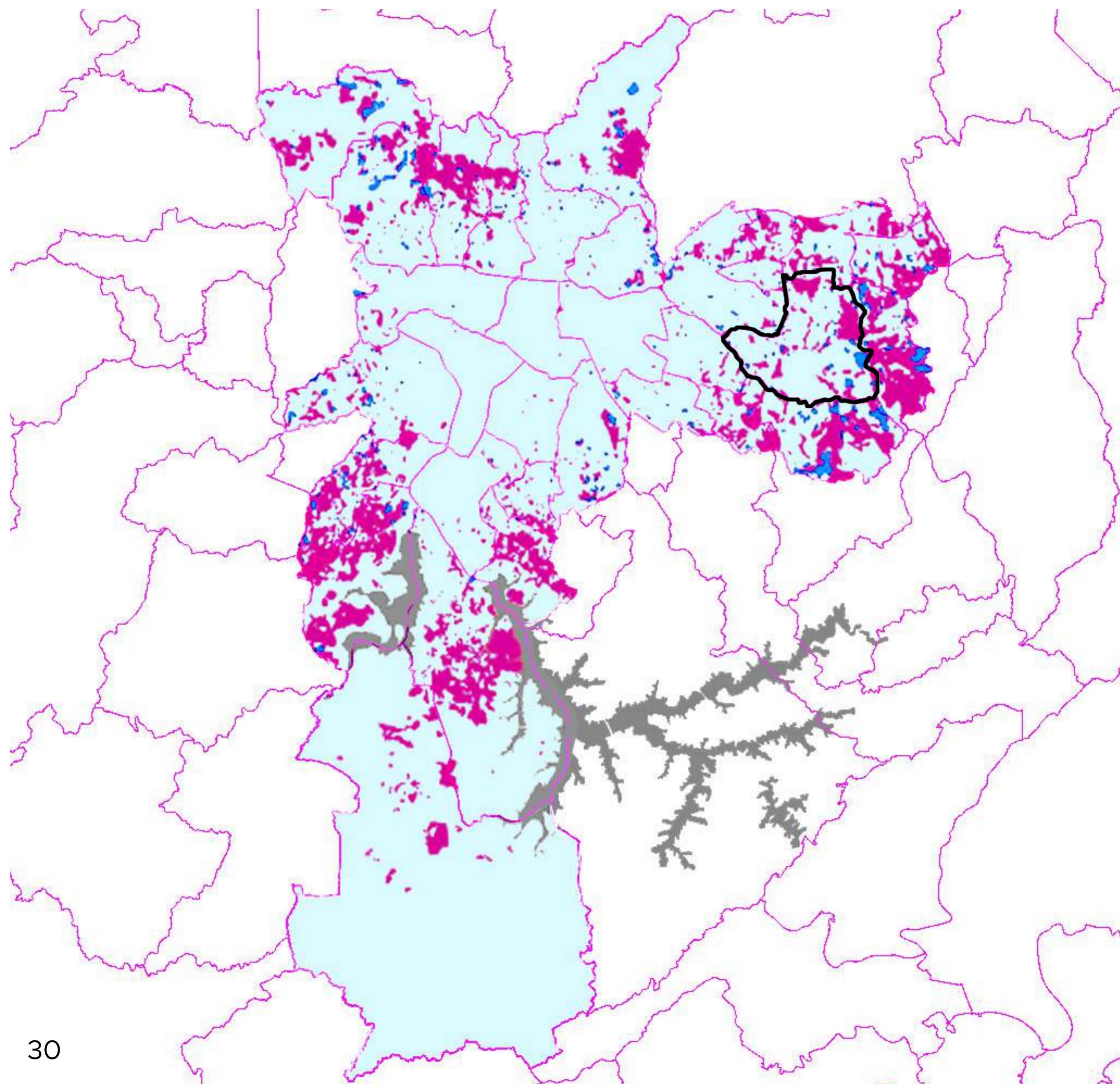


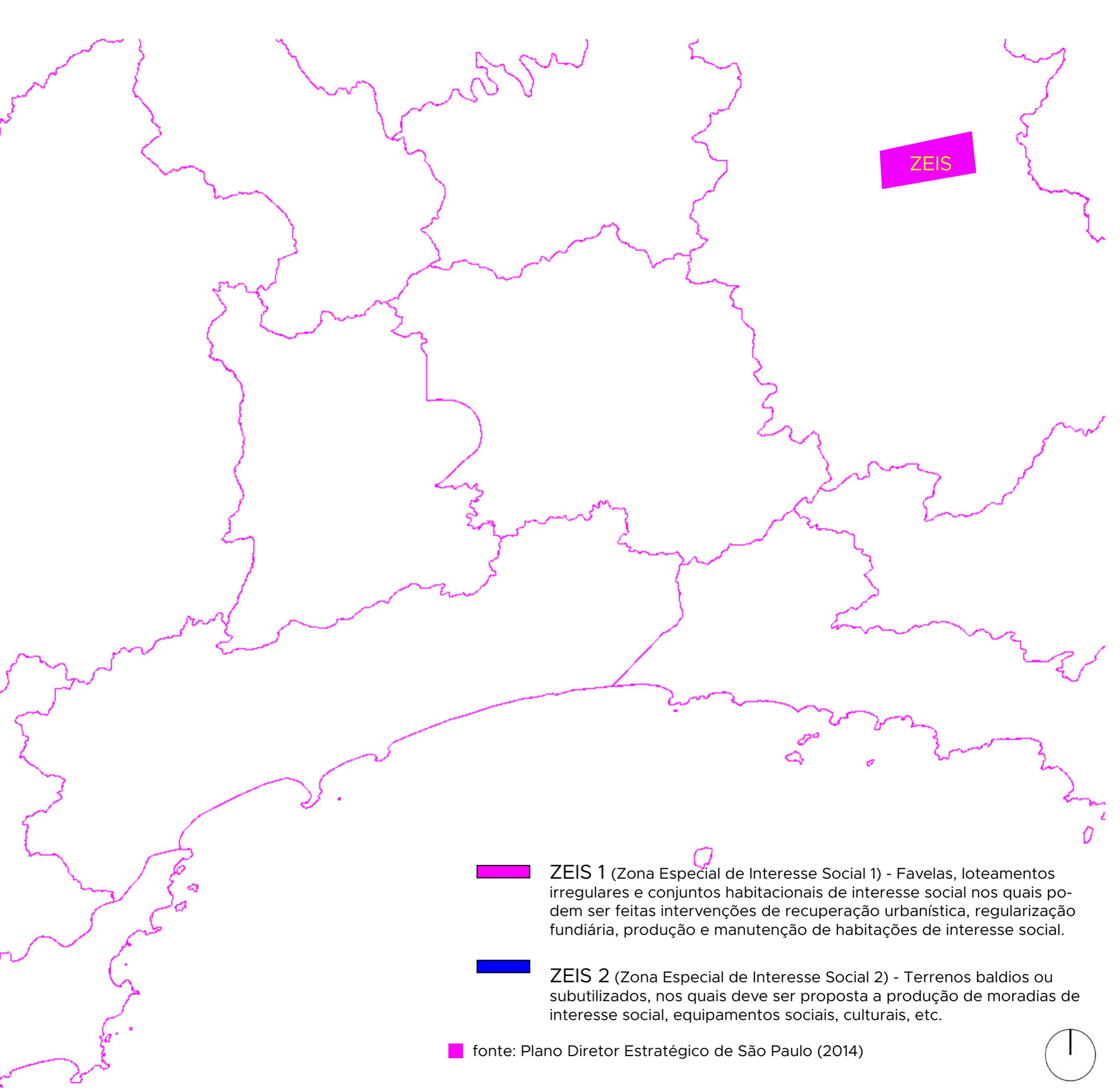


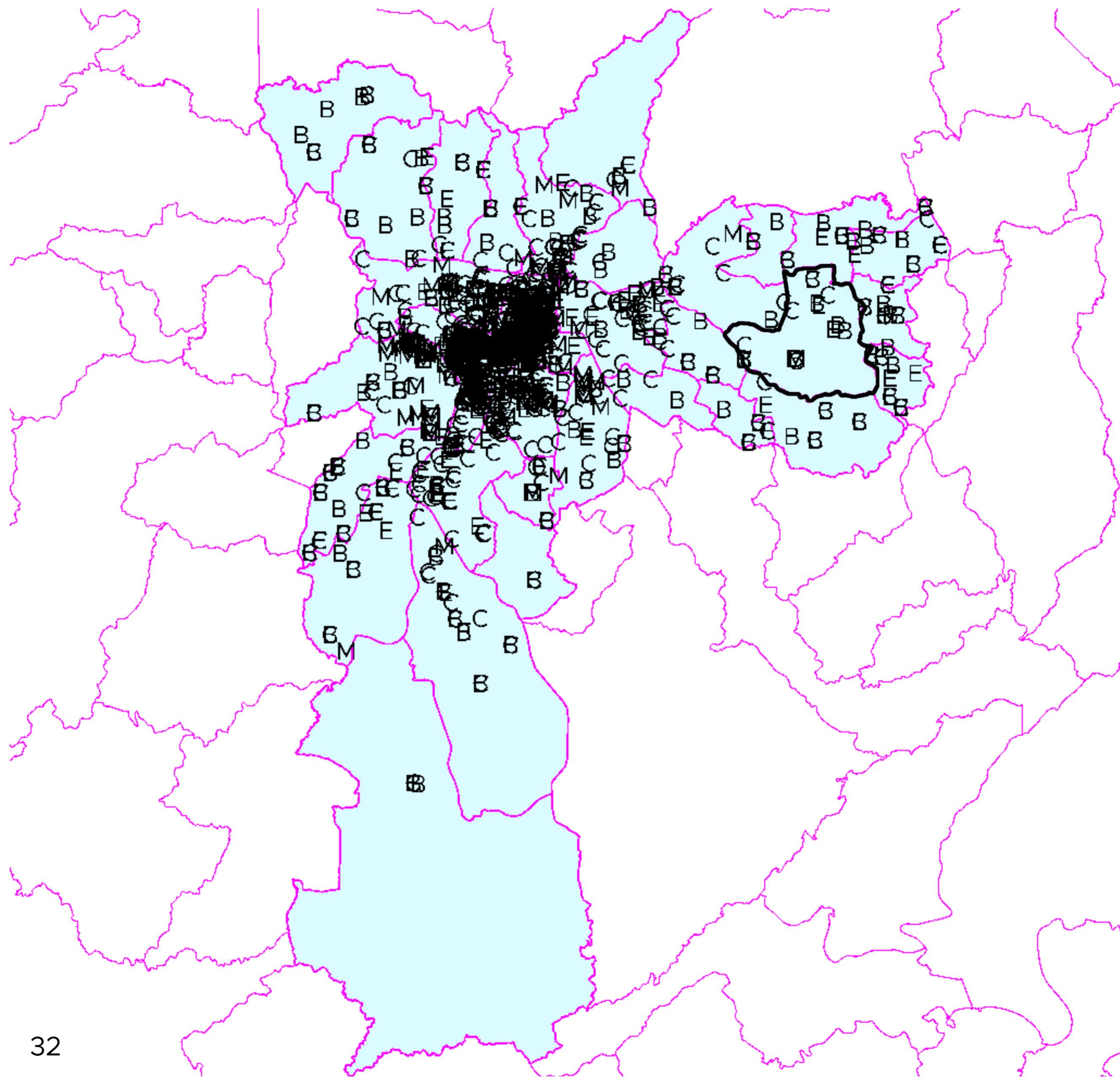














equipamentos culturais

- M** museus
- E** espaços culturais
- B** biblioteca
- C** cinema/shows
- O** outros

■ fonte: Mapa Digital da Cidade de São Paulo (2011)





aproximações

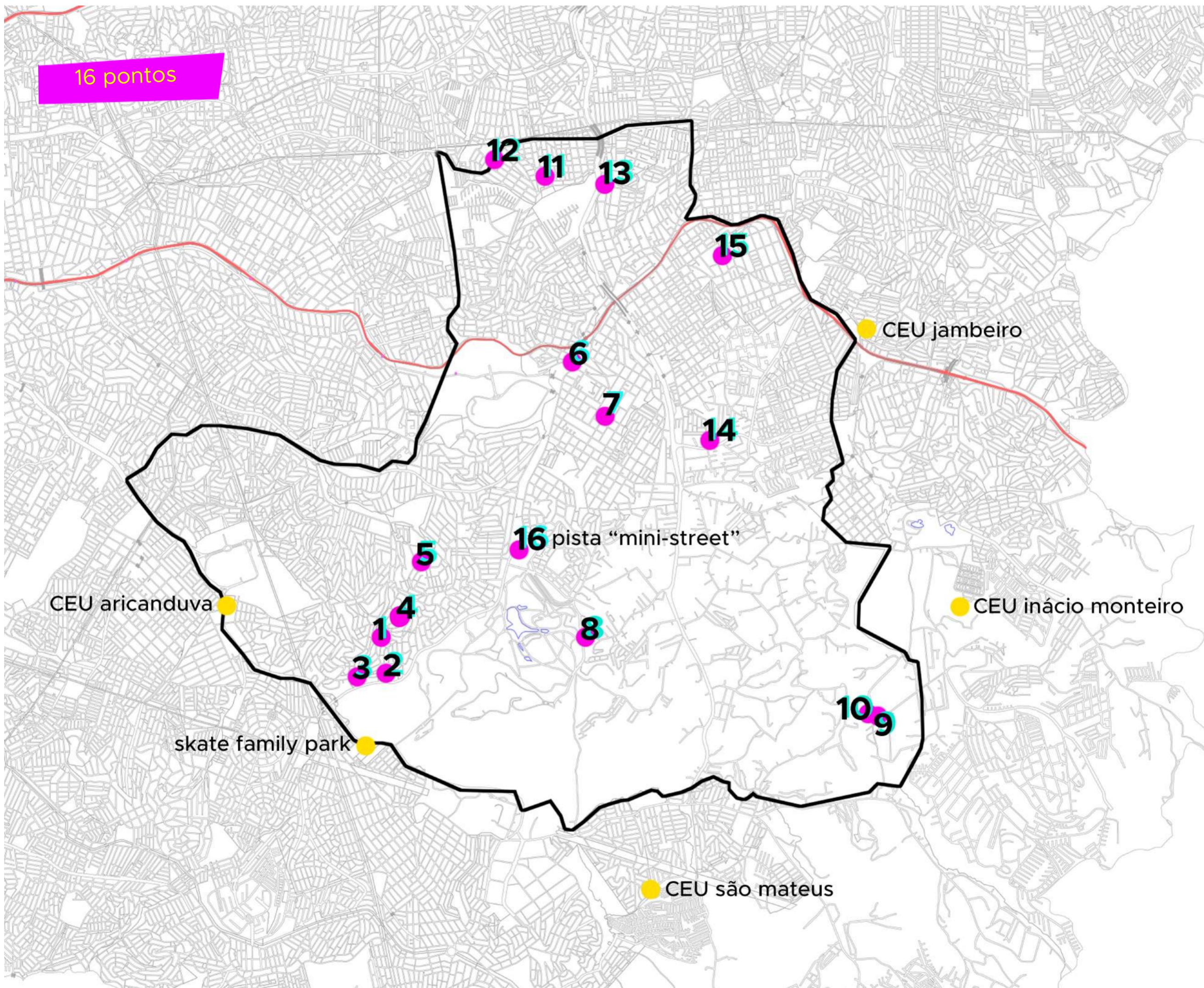
itaquera

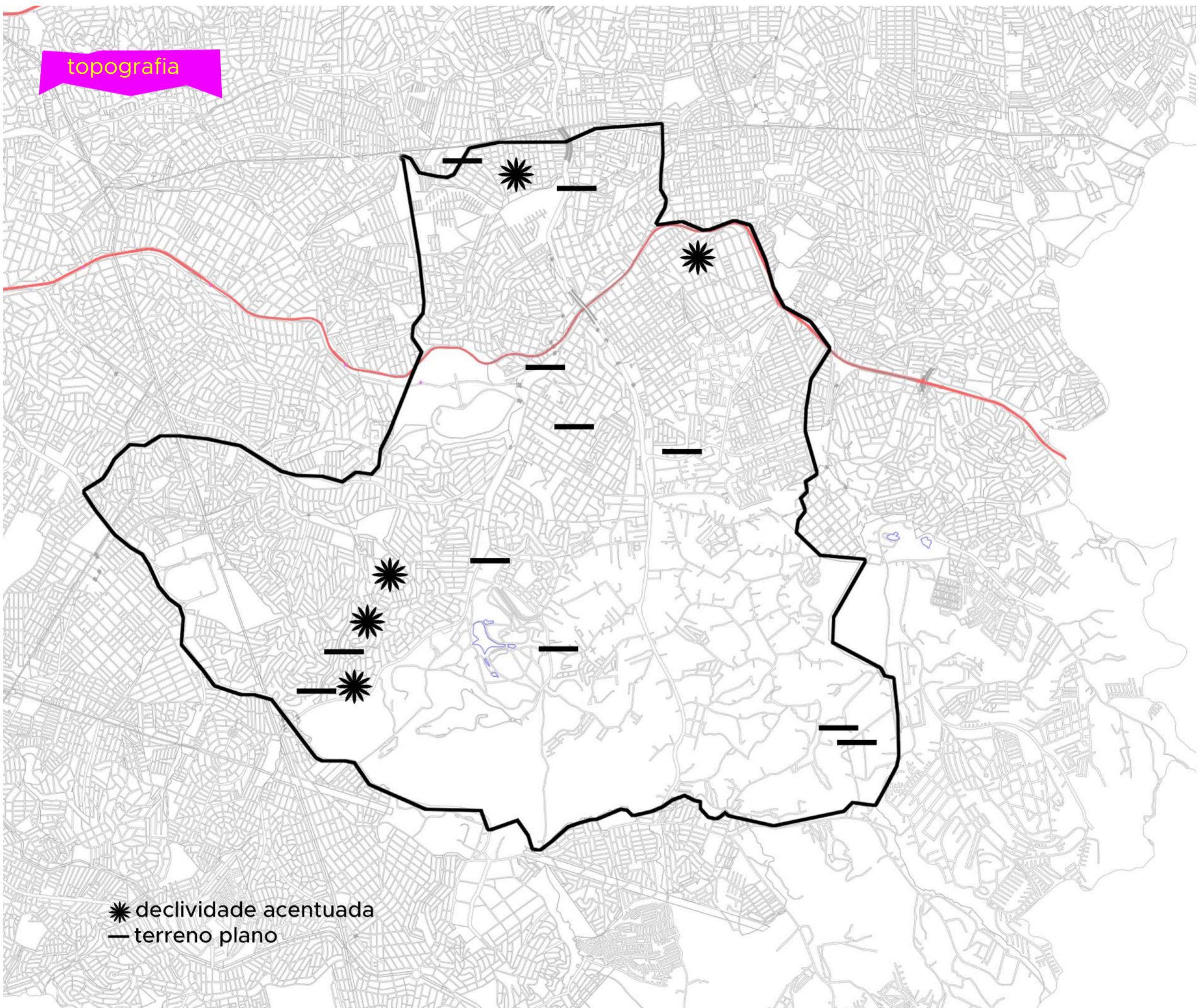


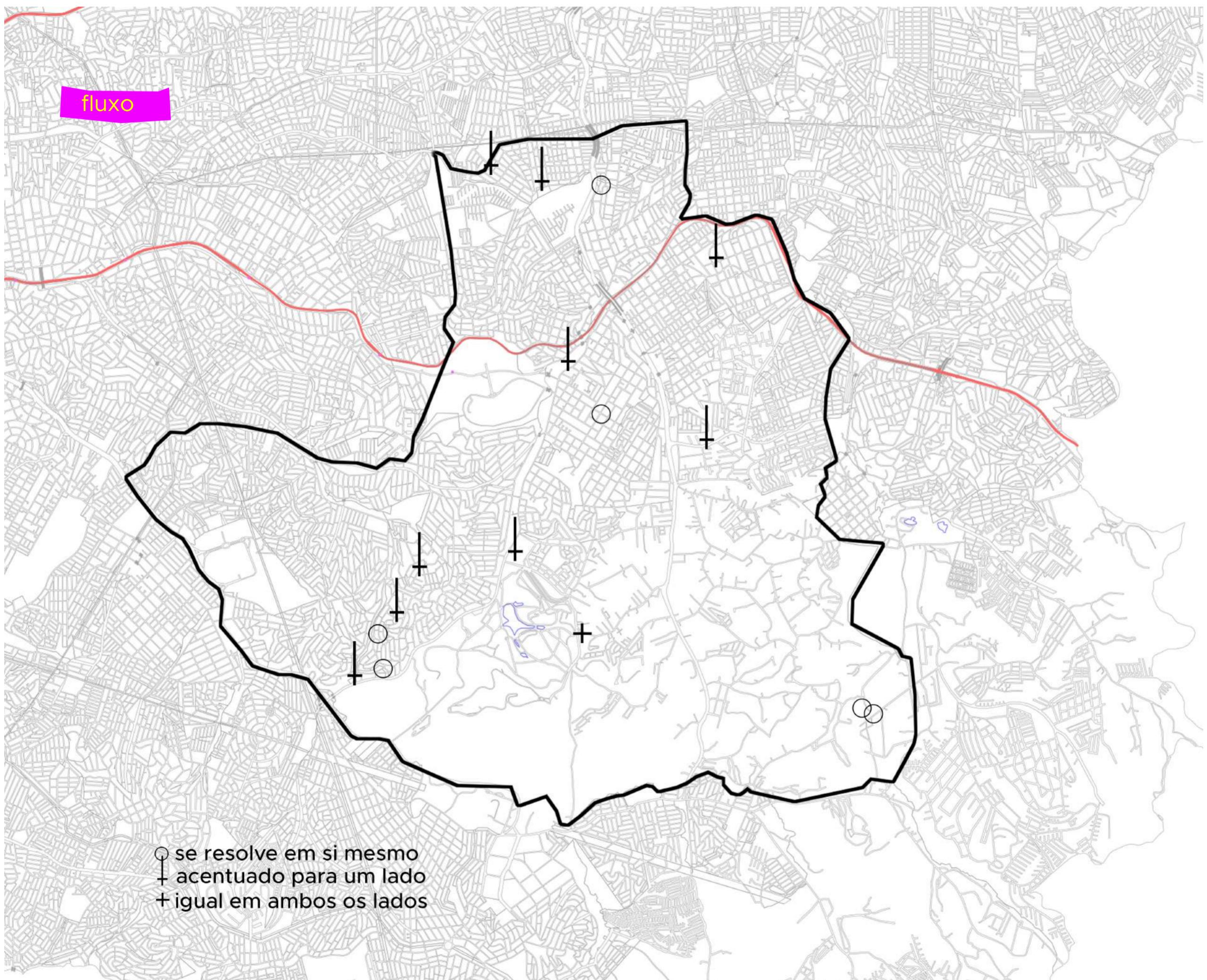
Para encontrar o conjunto de pontos em Itaquera foi usado, inicialmente, o cruzamento de dados dos mapas ZEIS 1 e ZEIS 2 com o mapa de equipamentos culturais. Após identificadas as potencialidades em ZEIS 1 (Favelas, loteamentos irregulares e conjuntos habitacionais de interesse social nos quais podem ser feitas intervenções de recuperação urbanística, regularização fundiária, produção e manutenção de habitações de interesse social), ZEIS 2 (Terrenos baldios ou subutilizados, nos quais deve ser proposta a produção de moradias de interesse social, equipamentos sociais, culturais, etc.), e em espaços fora do raio de cinco quilômetros de equipamentos culturais, foi realizada uma deriva pelos locais que reuniam os critérios via Google Street View, esperando confirmar sua configuração espacial e que as imagens transmitissem minimamente sua dinâmica e sua urbanidade.

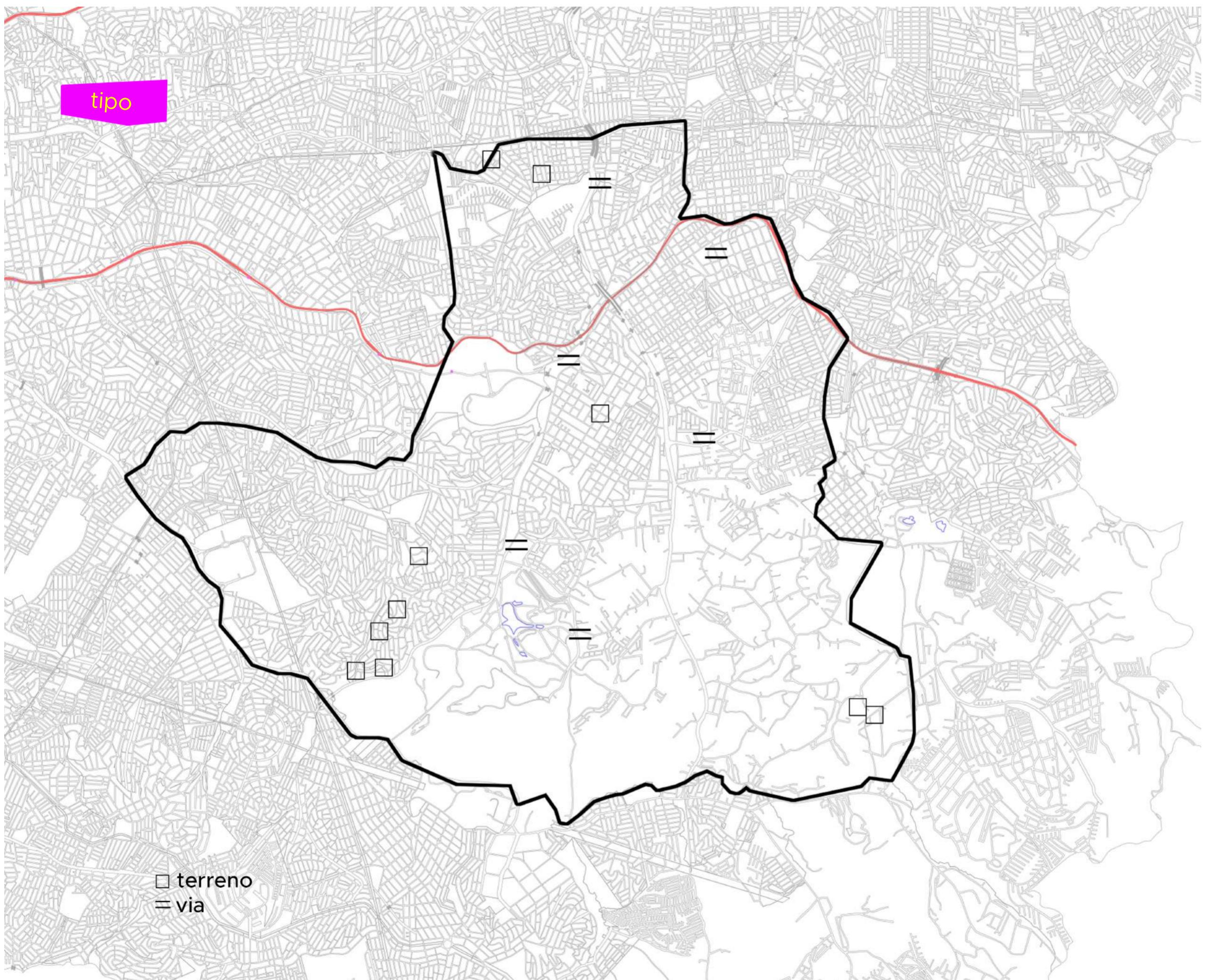
Assim, dois tipos de lugares foram selecionados, os espaços subutilizados e espaços residuais. Neste trabalho, os espaços residuais são classificados como sítios que possuem uma dinâmica própria, com grande utilização por parte dos cidadãos, mas não desfrutam infraestrutura ou de grandes espaços para desenvolvimento de projetos megalomaníacos; são, na maioria, locais de pequena escala. Embora já detentores de urbanidade, podem ser mais apropriados pelas pessoas através de intervenções simples. Já os espaços subutilizados são lugares com infraestrutura pré existente ou terrenos de grande escala, mas que não são utilizados como os espaços residuais e carecem de estímulos geradores de encontros e atividades culturais.

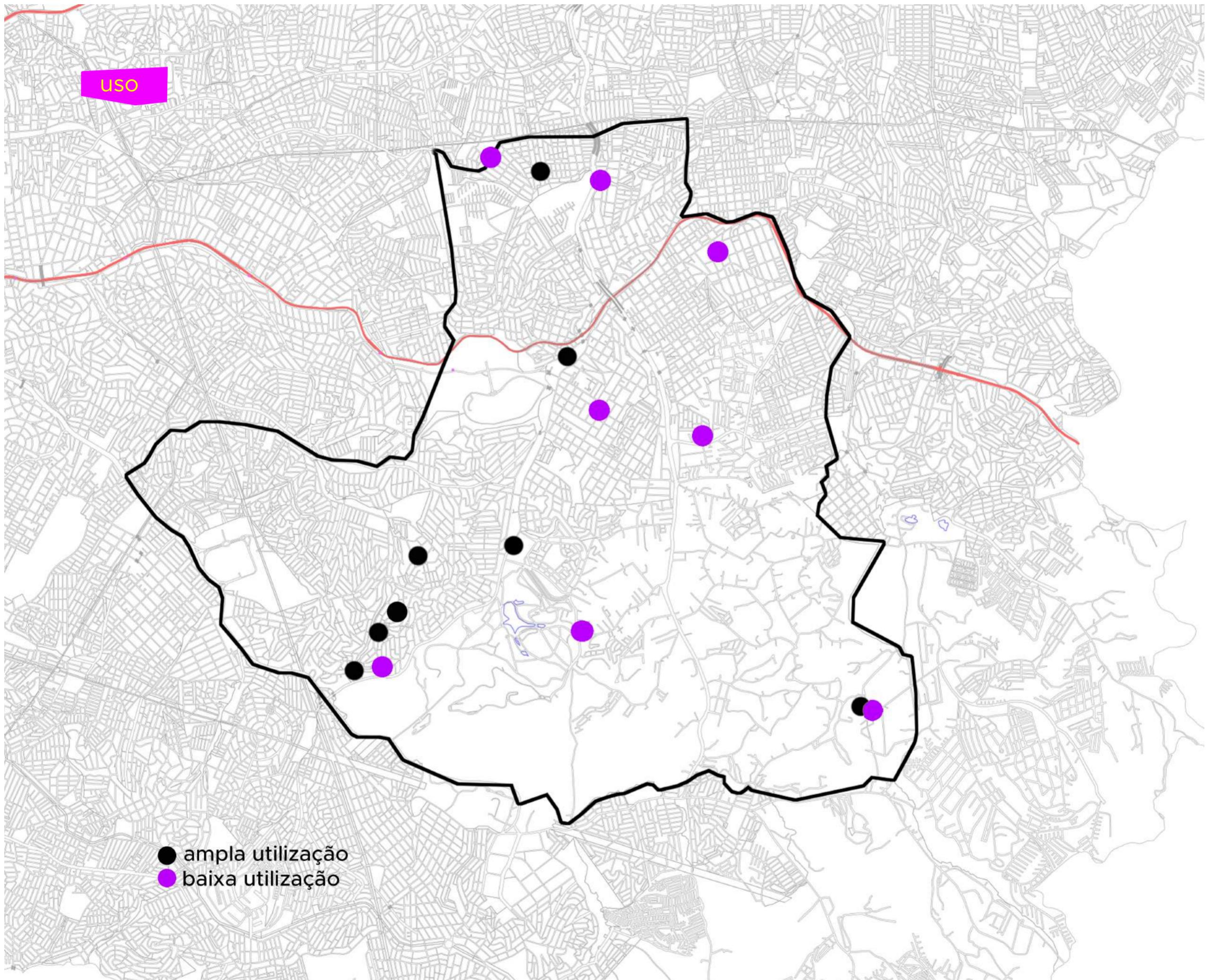
Foram levantados parâmetros relevantes - topografia, fluxo, uso, escala, etc. - para a leitura de cada um dos 16 pontos que, posteriormente, formassem um conjunto de códigos sobre cada lugar. Os códigos contribuem para a apreensão de cada ponto. Para tornar mais claro para quem lê os códigos, imagens do Google Street View foram combinadas aos símbolos (mosaico a).

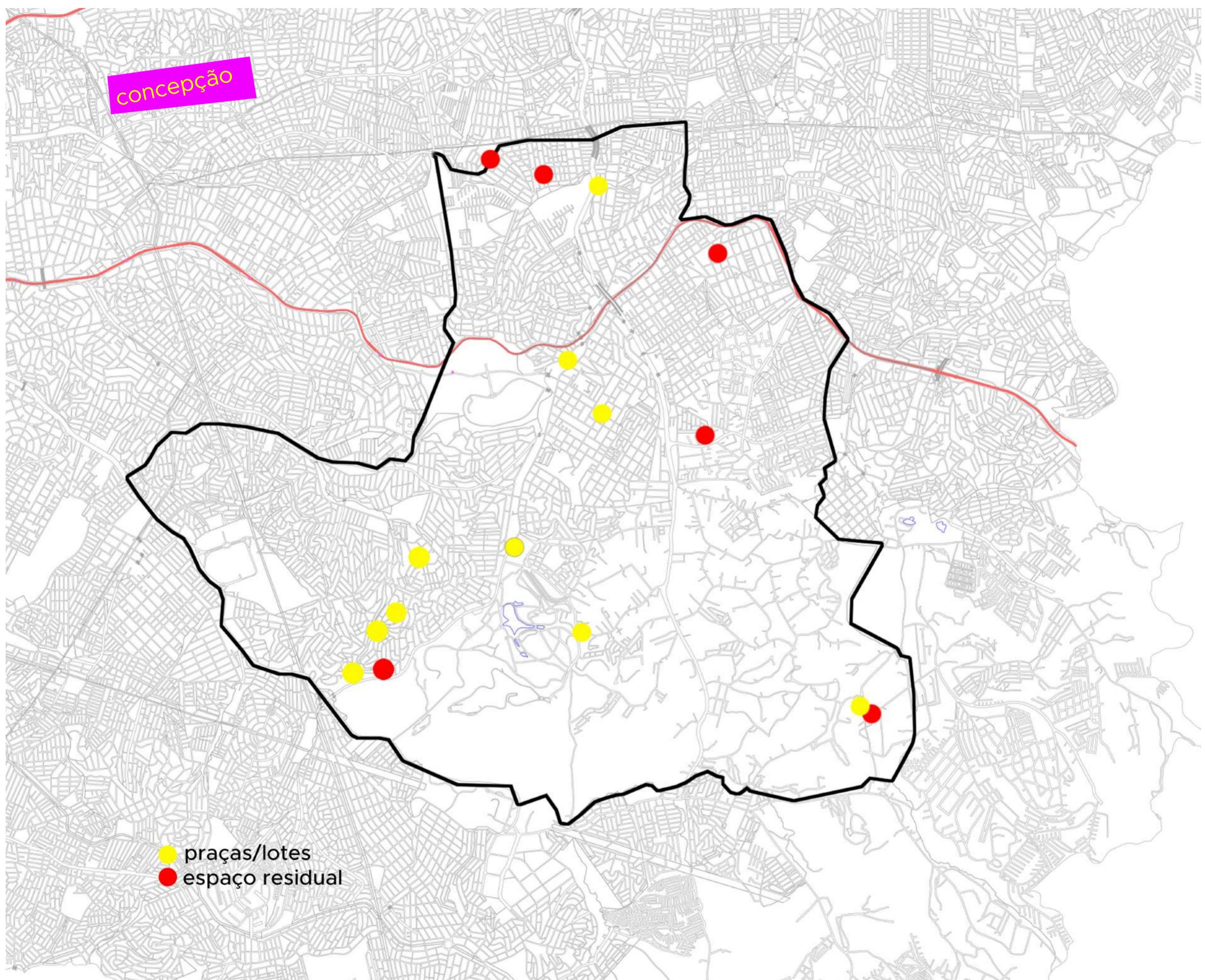


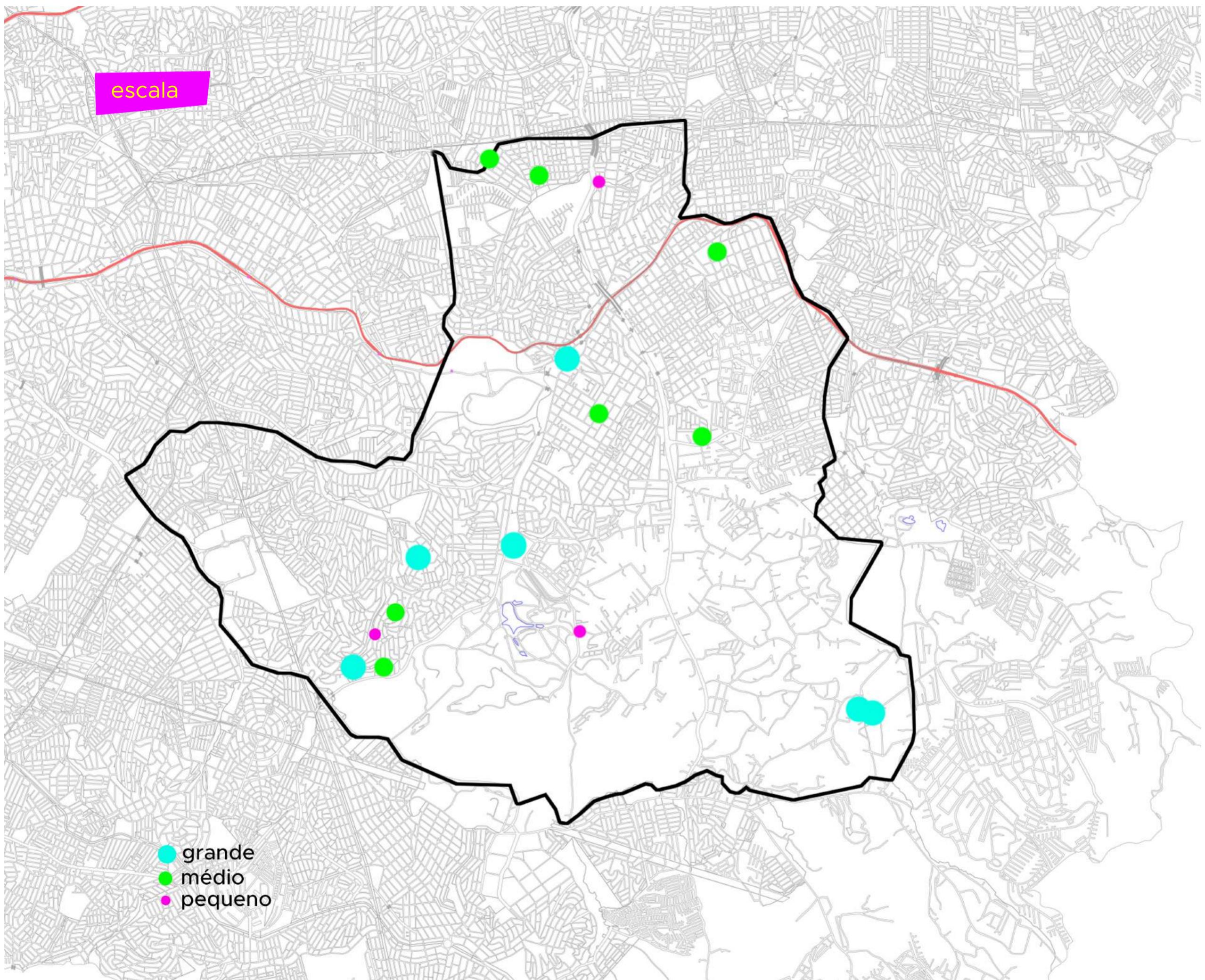


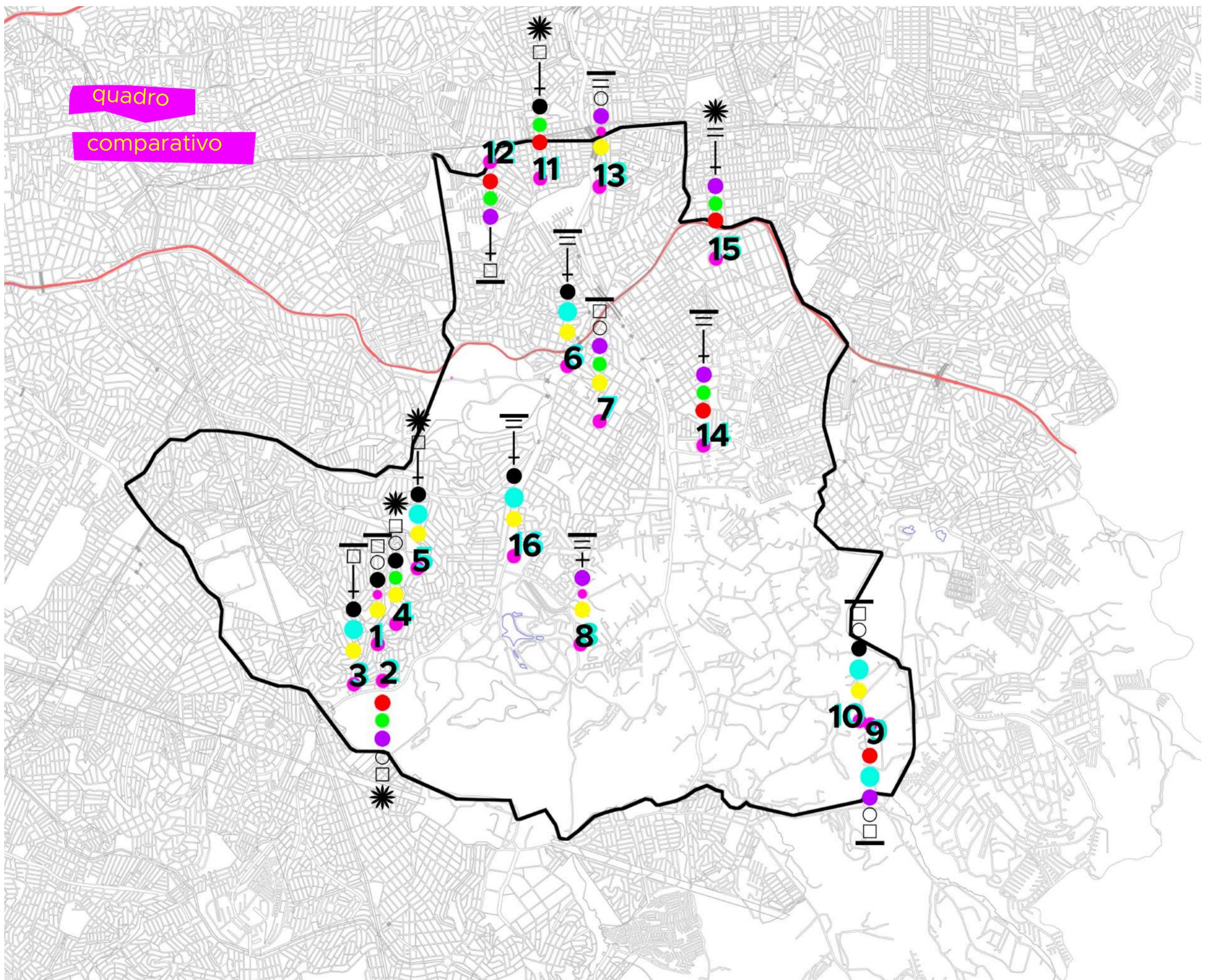












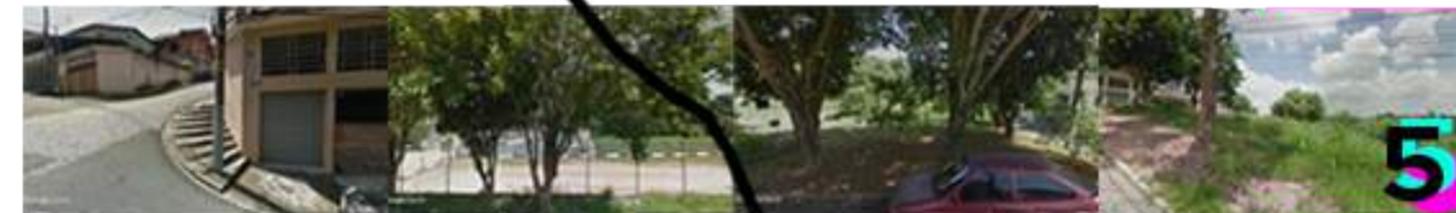
mosaico a





fonte: Google Street View.

mosaico b





O aprofundamento do estudo dos pontos culminou na necessidade de um recorte de lugares a serem detalhados. Além dos mapas de análise dos 16 pontos e do mosaico a, a escala foi de grande importância nesta definição. Os locais com uma das dimensões maiores que 50 metros foram deixados de lado, no momento, restando apenas sete lugares.

mosaico c





Após a visita de campo constatou-se que os pontos 3 e 7 se transformaram, respectivamente, em um muro de moisaco adornado com azulejos e um condomínio residencial. Logo, restaram os cinco lugares finais.

processo

projetual



espaço



atividade



skate

break dance

patins

bmx

lambe

grafitti

■ movimento

■ encontro

■ rastro



pixo

zine

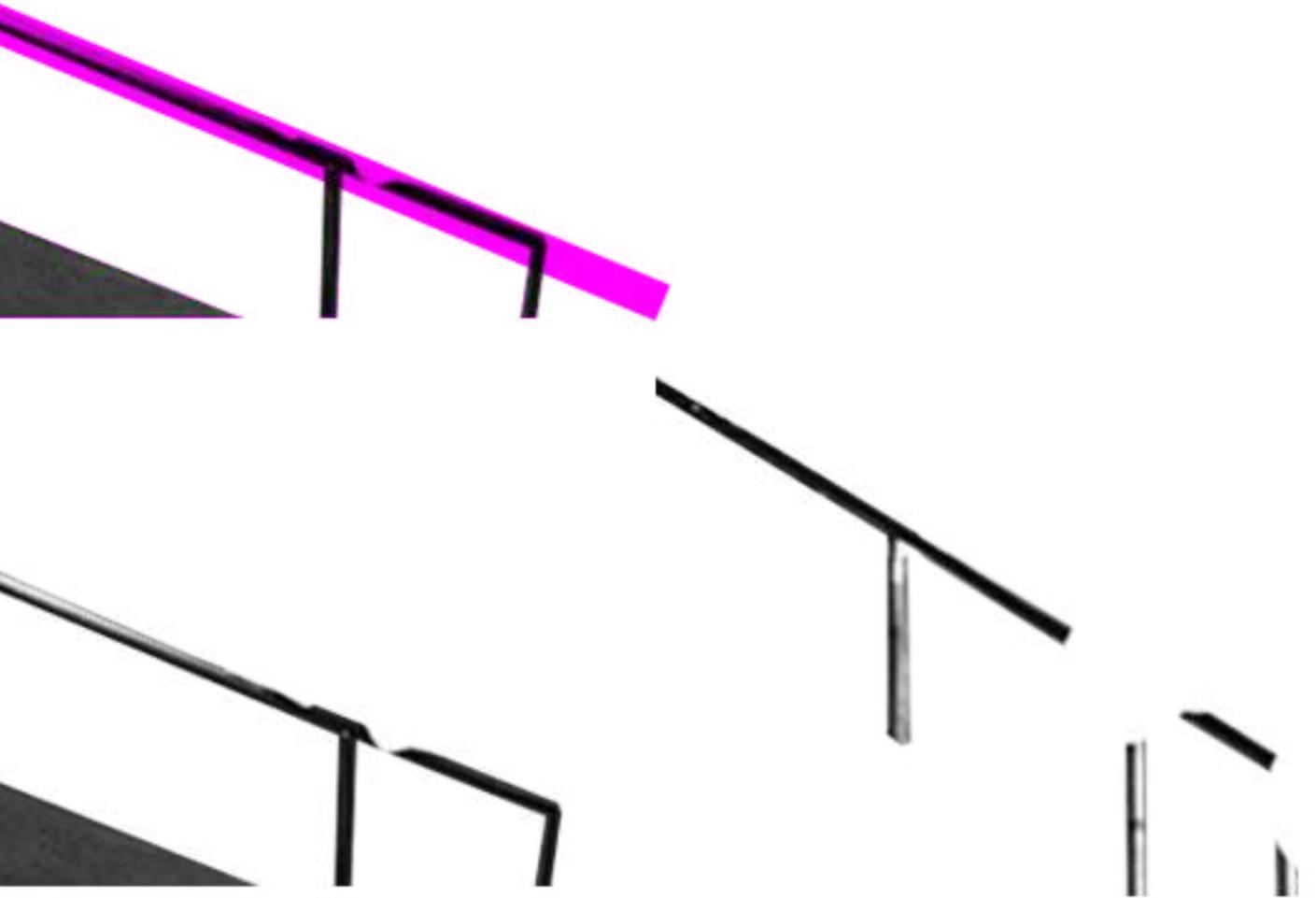
gig

luau

batalha de rap

movimento





Este grupo engloba atividades que são diretamente ligadas ao movimento de corpos e ocupação do espaço público, como skate, BMX e patins.

rastro





Este grupo engloba atividades como pixo, graffiti e zine, que deixam rastros físicos na paisagem.

encontro





Este grupo engloba atividades que reúnem pessoas e causam ocupação do espaço público. São exemplos batalhas de rap, sarau, slam de poesia. Algumas intersecções como as do grupo “movimento”, como skate, se encaixam aqui porque reunem pessoas na cidade.

estudo

de

formas

A partir dos diagramas de “rastro”, “movimento” e “encontro” chegou-se às formas da imagem 01. Foram adotados, respectivamente, o plano, a linha e o círculo. Esta simbologia foi parte do processo temporariamente.

Depois, durante a pesquisa por referências e o desenvolvimento de projeto, as obras do artista norte-americano Richard Serra (imagem 02) influenciaram fortemente no estudo formal. A relação obra-lugar do *site specific* foi desenvolvida aos poucos, conforme a aproximação e conhecimento de cada ponto e suas individualidades.

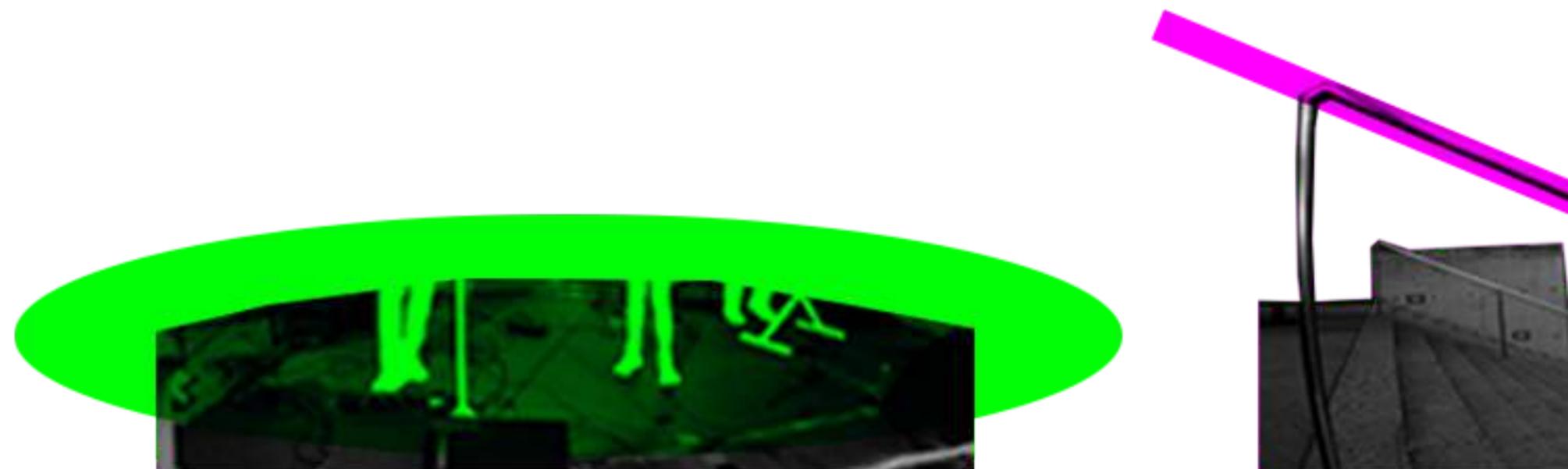
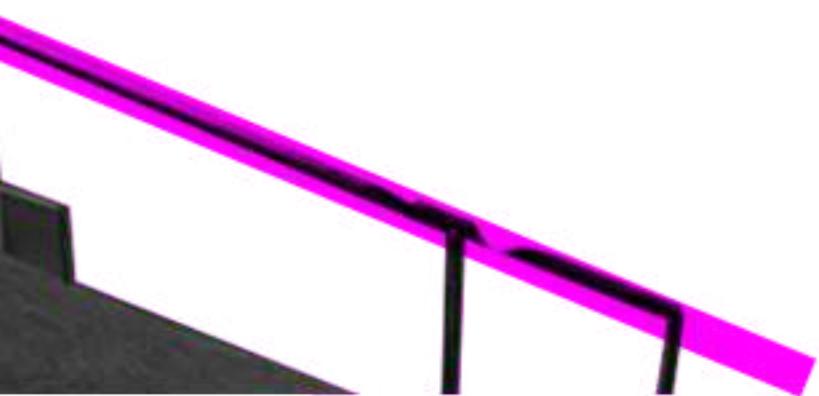




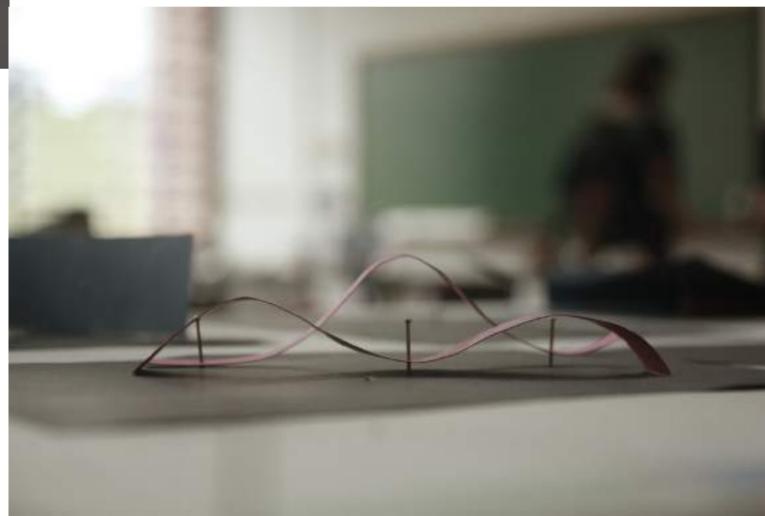
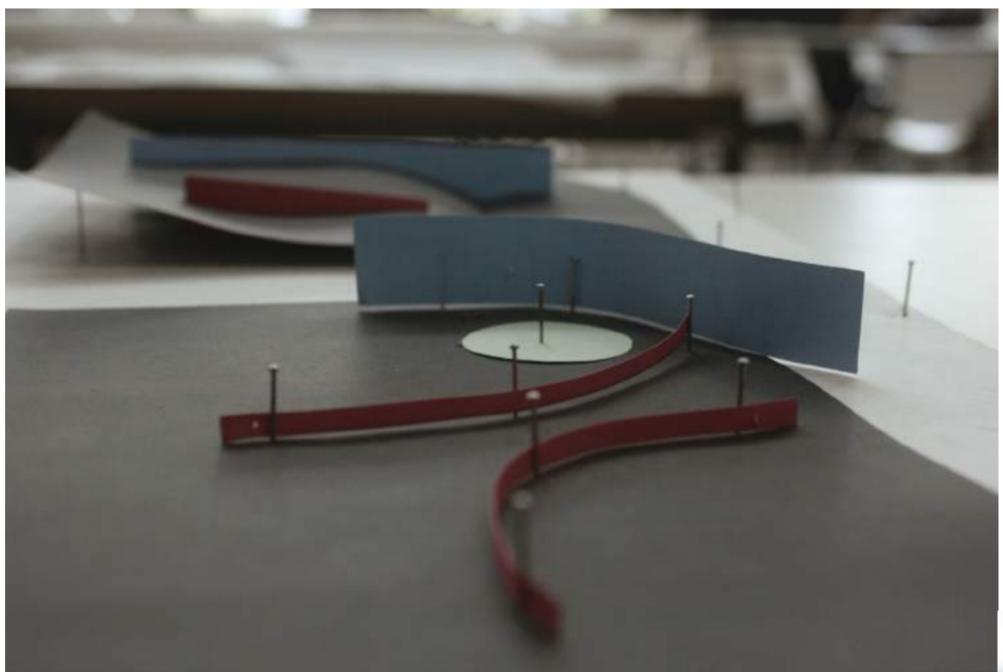
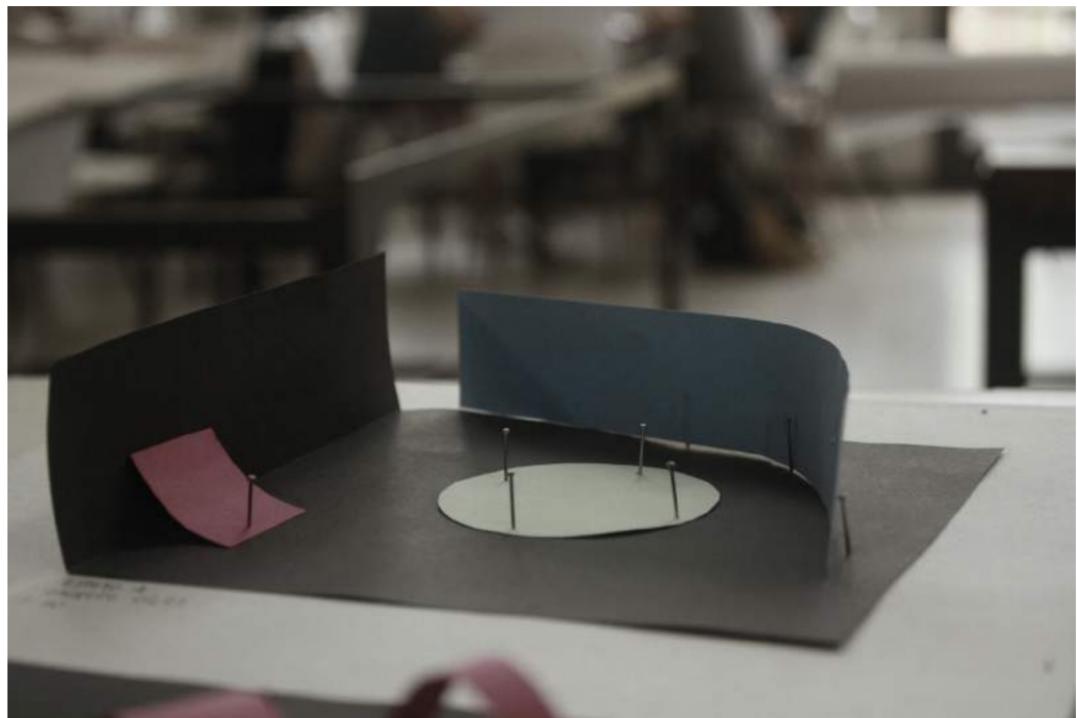
imagem 02



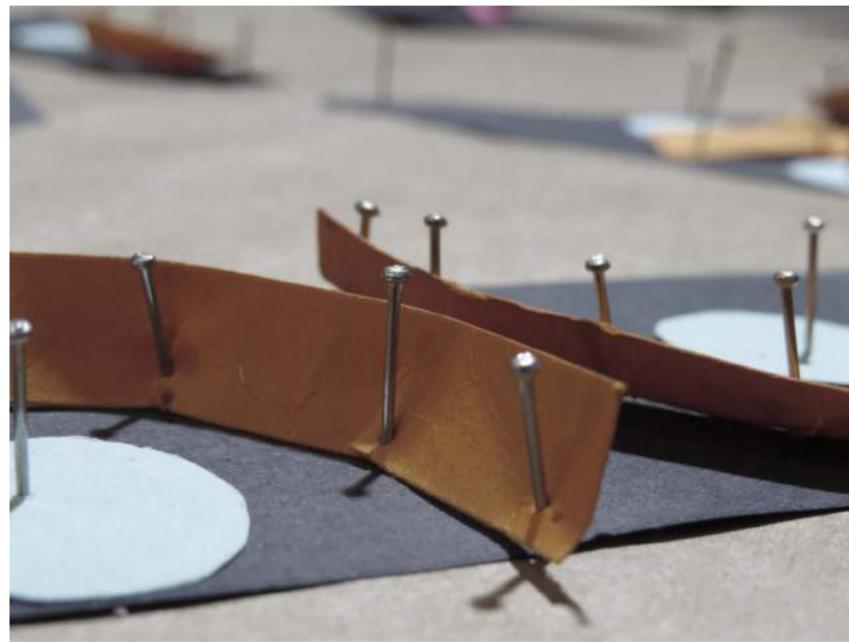
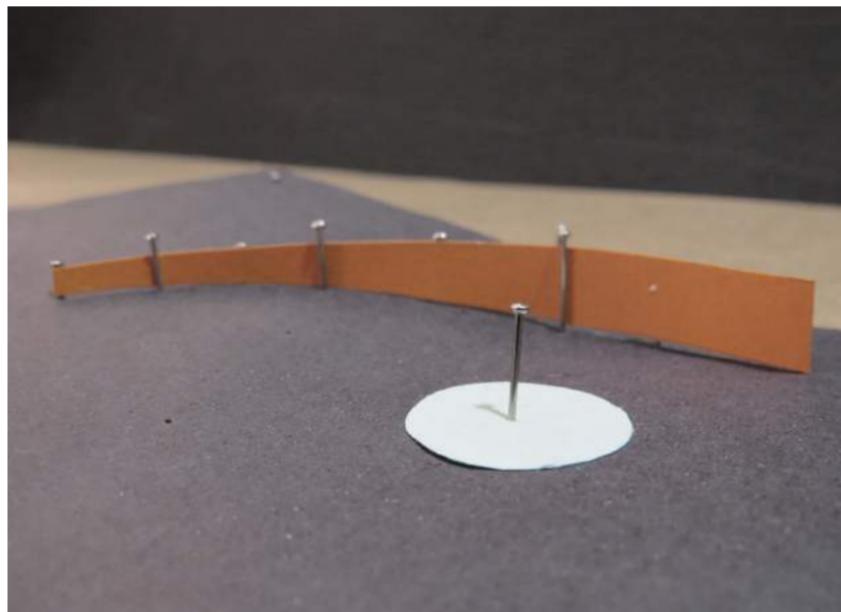
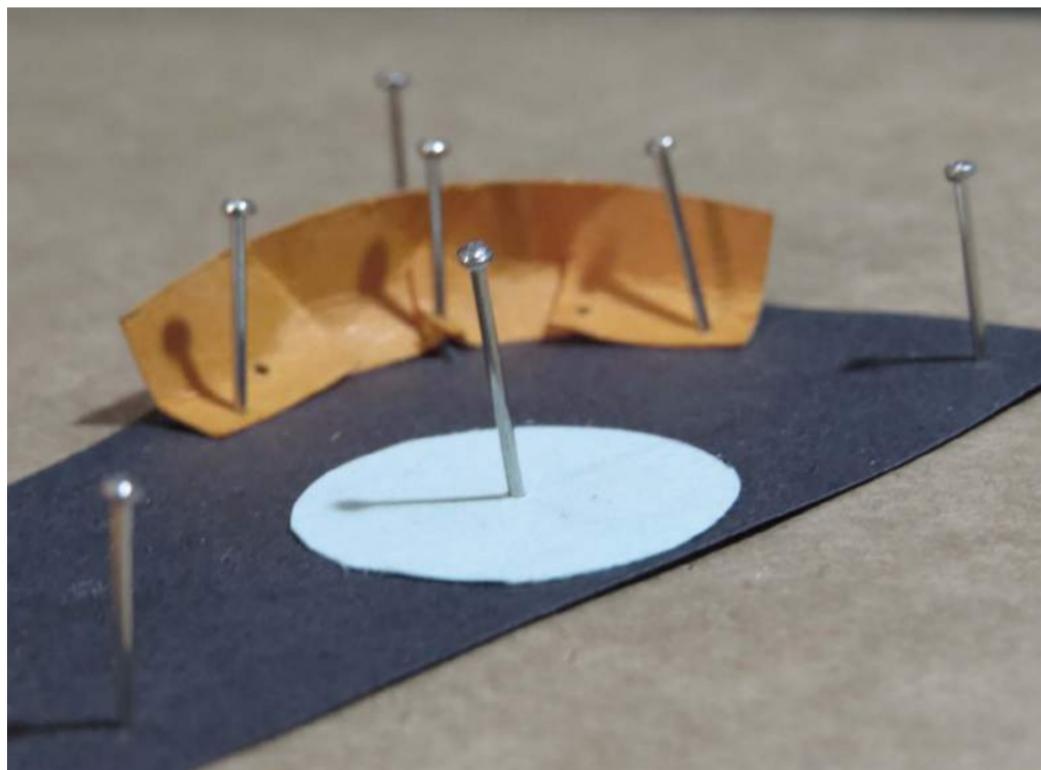
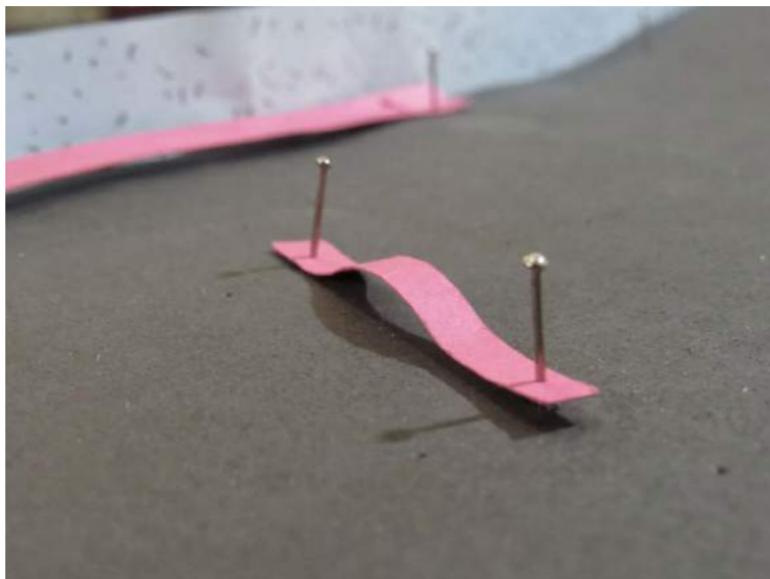
imagem 01



maquete
de
estudo (01)



maquete
de
estudo (02)



cinco

lugares



um





memorial

O lugar 01, localizado no cruzamento entre as ruas Xavier Palmerim, Baltazar Vidal e Jacinto de Sampaio Soares, possui forte urbanidade. Os moradores locais se reúnem na praça e cenas como pessoas jogando baralho ou esperando por chamadas de aplicativos de entrega de comida são comuns. Ao redor, pequenas lojas comerciais - padaria, pet shop e cabeleireiro - se juntam a bancas informais de venda de quinquilharias (imagem d) e contribuem para a vitalidade intrínseca ao sítio.

A setorização foi o primeiro passo de projeto. Ao perceber em que lugares as pessoas se reúnem e os percursos que traçam na praça, mapear as potencialidades projetuais se tornou uma tarefa menos árdua. Por exemplo, como visto na imagem (imagem a), grupos da terceira idade se reúnem à direita superior do local para jogar cartas. Abaixo desta reunião um canteiro íngreme desce até uma pequena construção que se assemelha a um bar ou uma lanchonete. Na extremidade esquerda da praça se vê bancos e espaços livres ocupados por pessoas diferentes entre si - mães, crianças e jovens.

Após a observação e identificação de uma demanda por mais lugares de “encontro”, a intervenção deste eixo foi implantada na forma de semicírculo e um quarto de círculo, gerando uma interferência mútua local-intervenção. No canteiro íngreme da parte inferior do sítio, dois semicírculos e um tronco de cone se acomodam. As formas redondas, combinadas com as intervenções de “movimento” - troncos de cone com 45 graus de inclinação - facilitaram a aprovação pelo skate por patamarizar e modificar o piso, substituindo seções de piso original da praça por concreto liso; este torna mais adequado para que indivíduos do grupo “movimento” utilizem o espaço. O conjunto semicírculos e tronco de cone se repete à esquerda, fazendo “palco” para a banca de jornal.

Junto ao percurso principal - norte-sul - da praça, quinas metálicas foram colocadas nos canteiros para que, mais uma vez, o uso das atividades do grupo “movimento” fosse facilitado, ao mesmo tempo, evitando que o espaço se estragasse rapidamente com o atrito dos skates e das bicicletas.

Pré-existências de “rastro” no local são fortes. Na banca de jornal lê-se “Respeite a arte urbana” em um grafitti. Tais preexistências são englobadas pelo projeto e, em paredes e planos que ainda não houve este tipo de intervenção, se estabelece zonas de estímulo à sua apropriação.

imagem a



imagem d



imagem e



imagem b

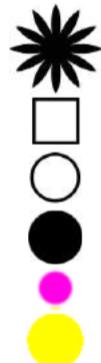


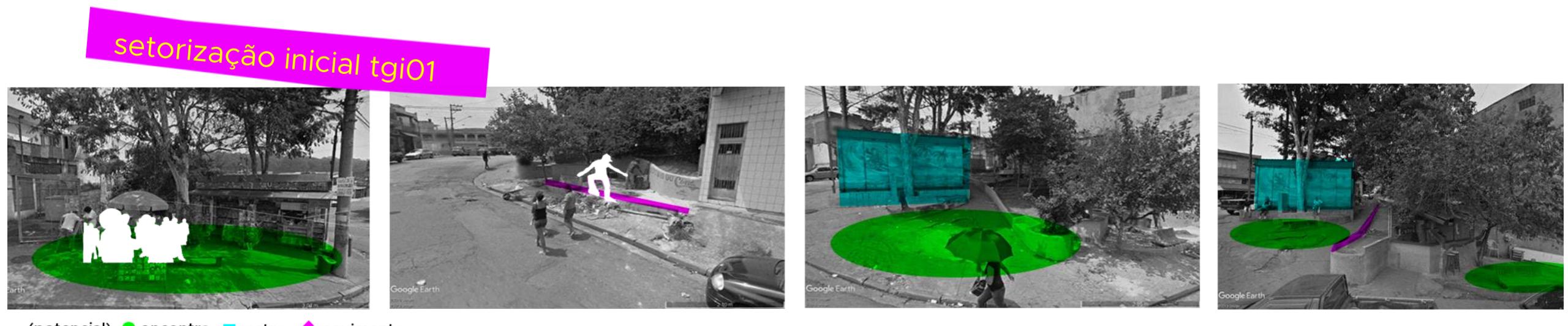
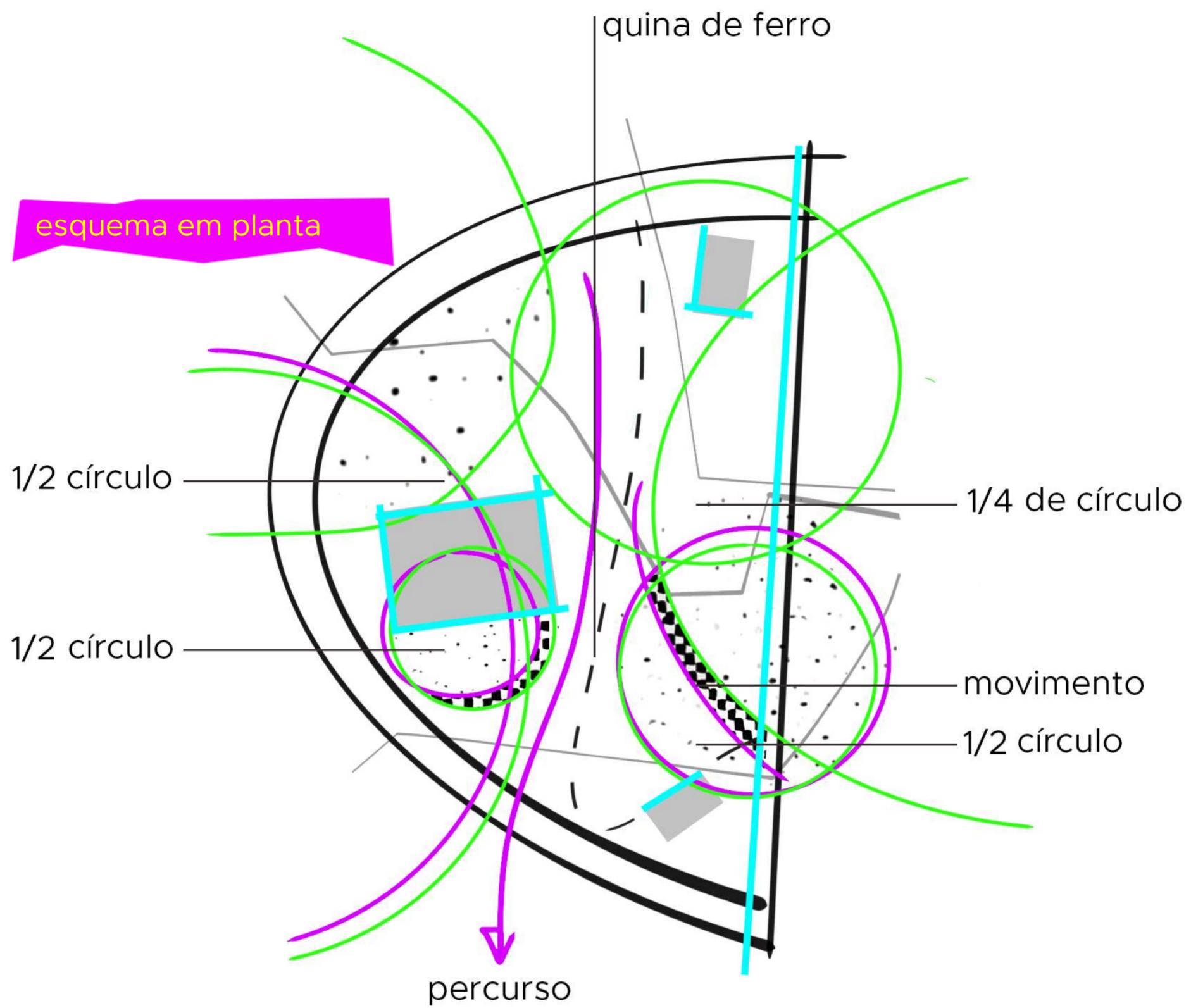
imagem c

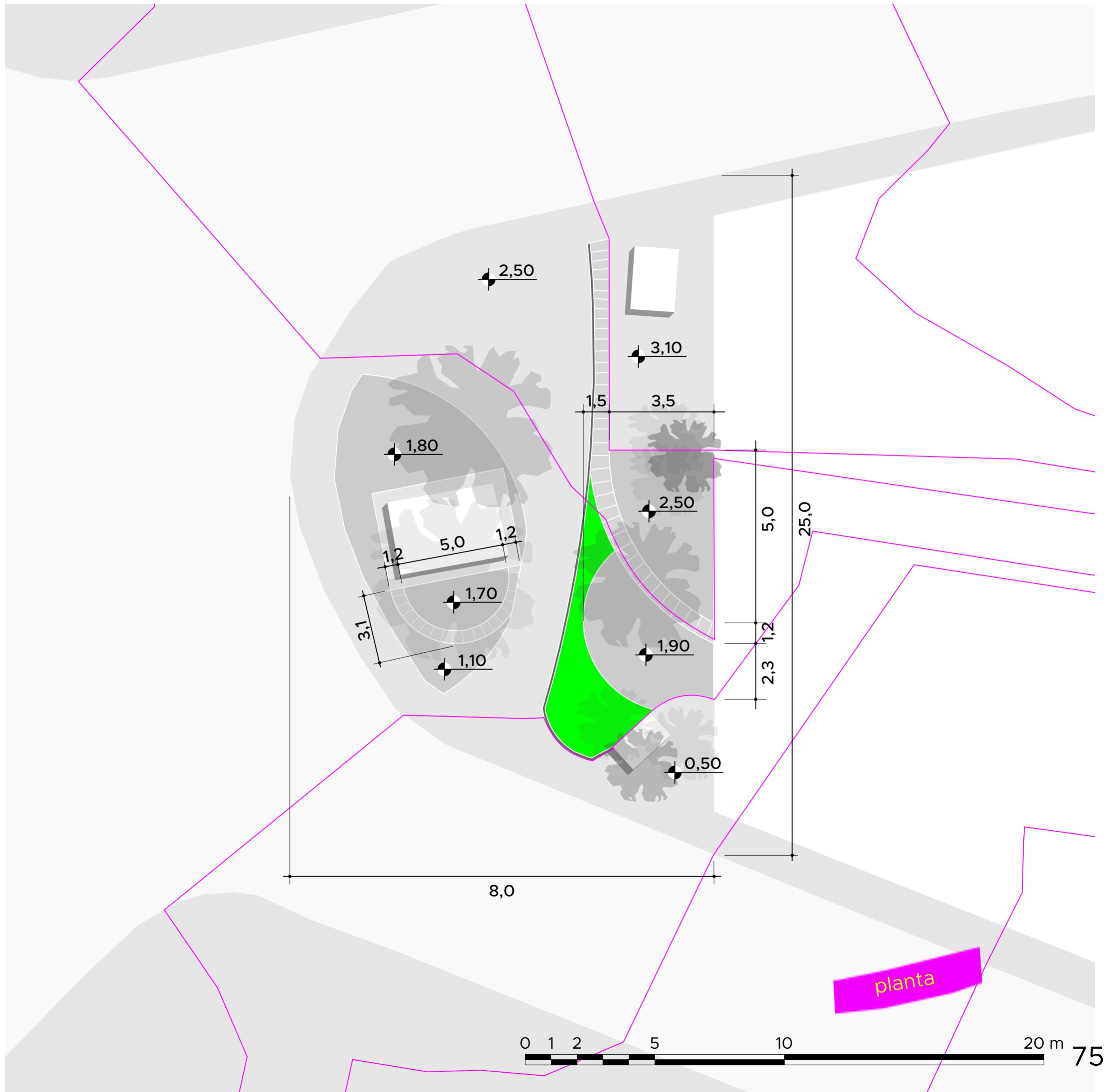


imagem f



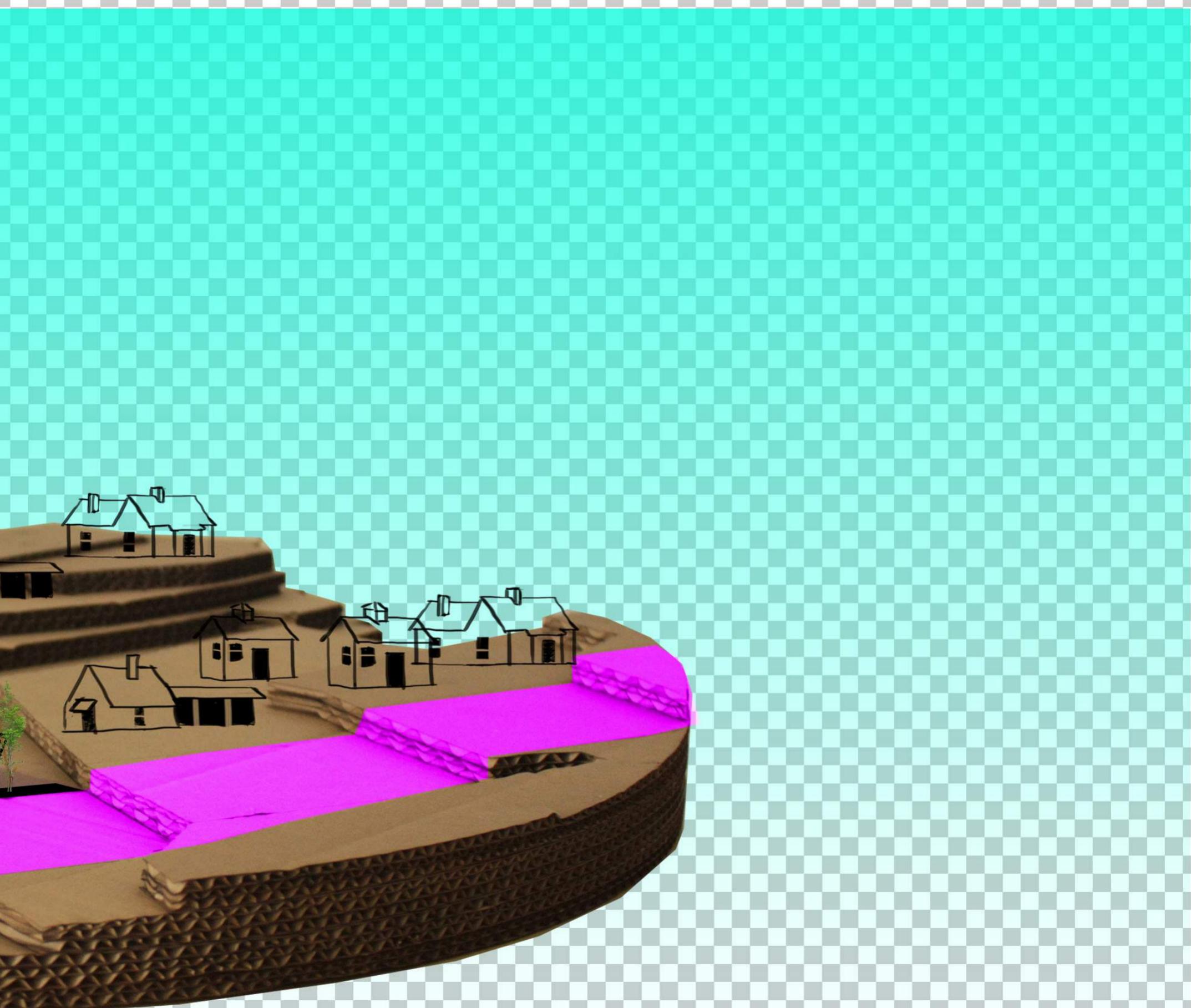


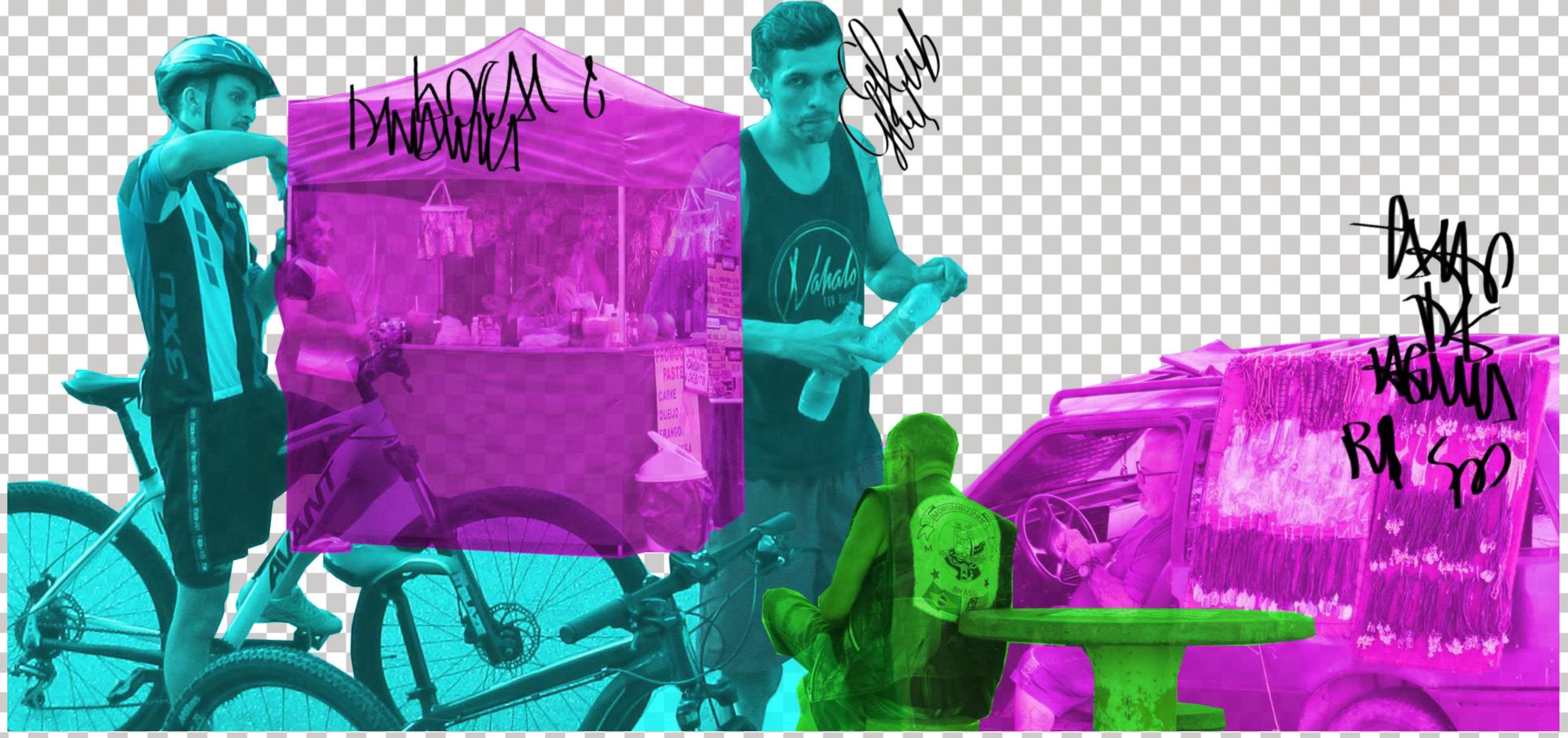




maquette 01







oito

memorial

Entre a avenida Adriano Bertozzi e a rua John Speers está localizado o local 08. O barulho da avenida interfere na praça com motores de carros em velocidade moderada. A oeste se situa o Parque do Carmo, inaugurado em 1976, com 1,5 milhão de m²*. Na calçada, próximo a uma das entradas do parque, pousa uma pequena venda de água de coco (imagem j). Ao sul se avista uma oficina mecânica e dois bares que, devido ao horário - aproximadamente quatro e meia da tarde - , não têm uma grande assiduidade de clientes.

Na praça pessoas usam os bancos e bebem refrigerante. Um carro sobreposto com pulseiras e colares à venda anuncia que também faz serviços de tatuagem de henna pelo preço de cinco reais (imagem g) enquanto pessoas esperam pelo próximo ônibus no ponto (imagem h).

Na setorização inicial através do sistema de três eixos “rastro”, “encontro” e “movimento”, apenas lugares pré existentes ou potenciais para “encontro” foram demarcados (setorização inicial tgi01).

Assim, em etapas posteriores de projeto buscou-se diversificar o uso dentro da proposta. Dois elementos híbridos foram contrapostos no canteiro a noroeste da praça, definindo um percurso - entre os mesmos - e dois lugares de “encontro” e “movimento” (esquema em planta). Estes elementos também são classificados como zona de estímulo à aprovação por “rastro”. No solo, ao extremo norte do lugar, um círculo completo, construído em concreto, define mais uma intervenção de “encontro”.

Os elementos híbridos supracitados são esculturas de concreto com curvatura de “quarter pipe”, ou seja, um quarto de círculo, até a metade de sua altura - um metro - e se estendem até sua altura máxima - dois metros - perpendiculares ao chão.



imagem g



imagem h

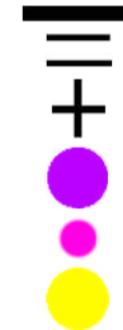
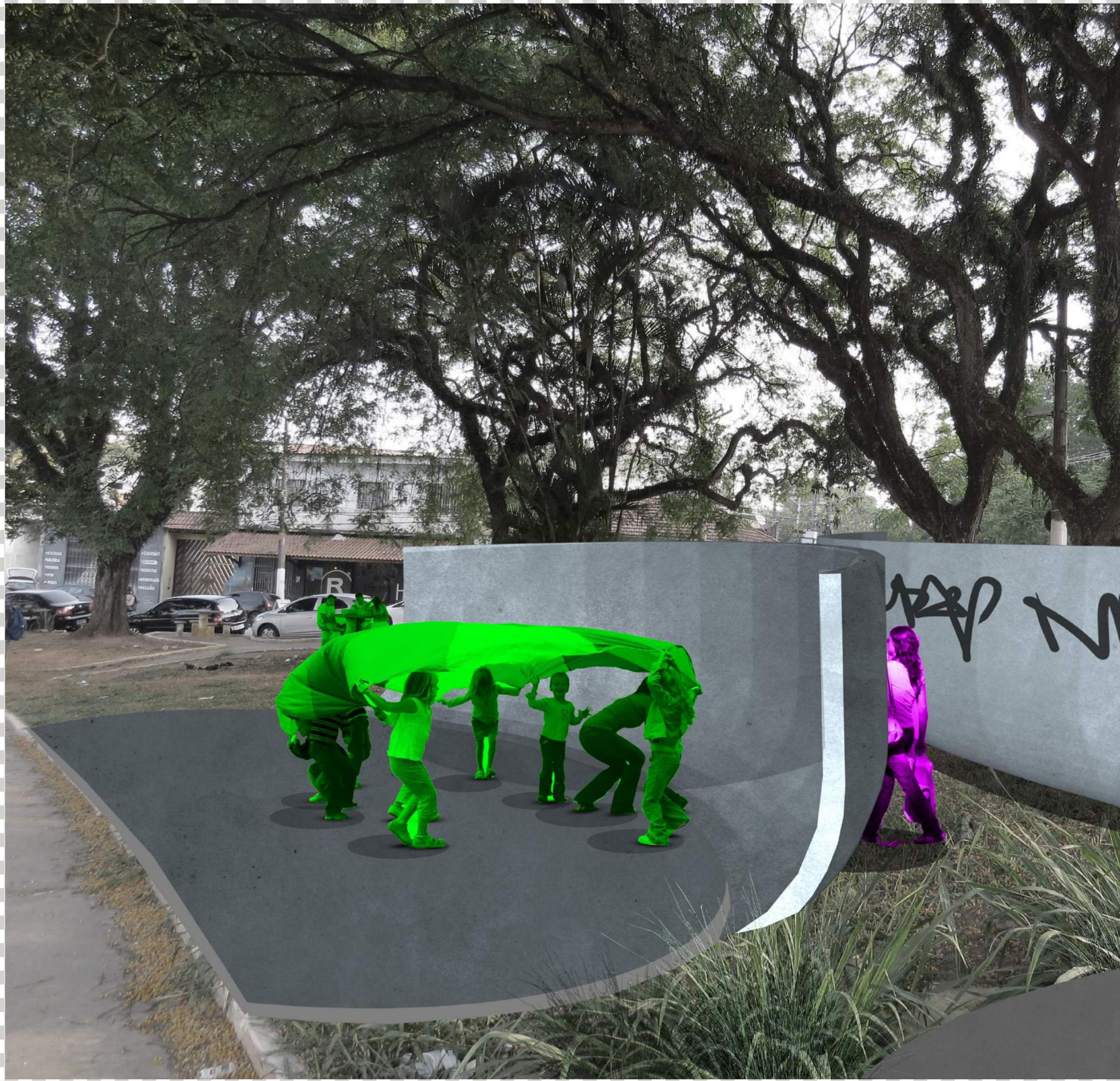
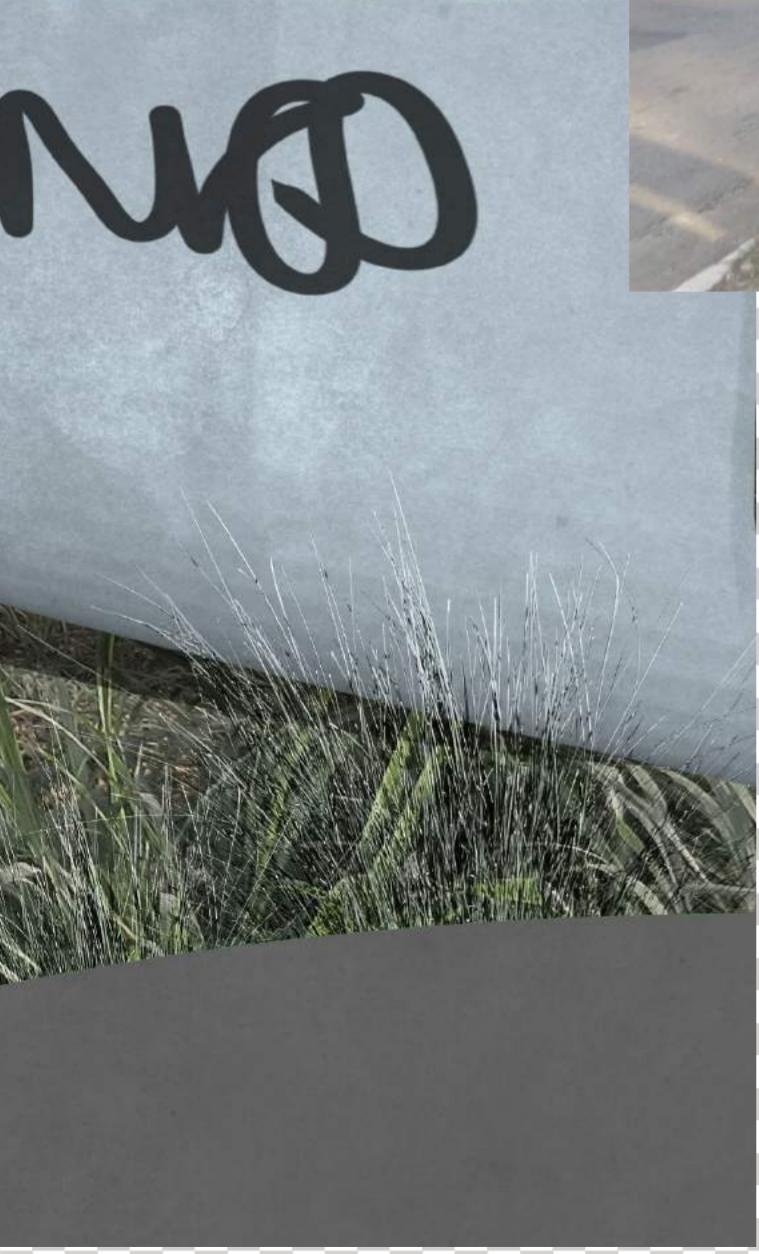


imagem j

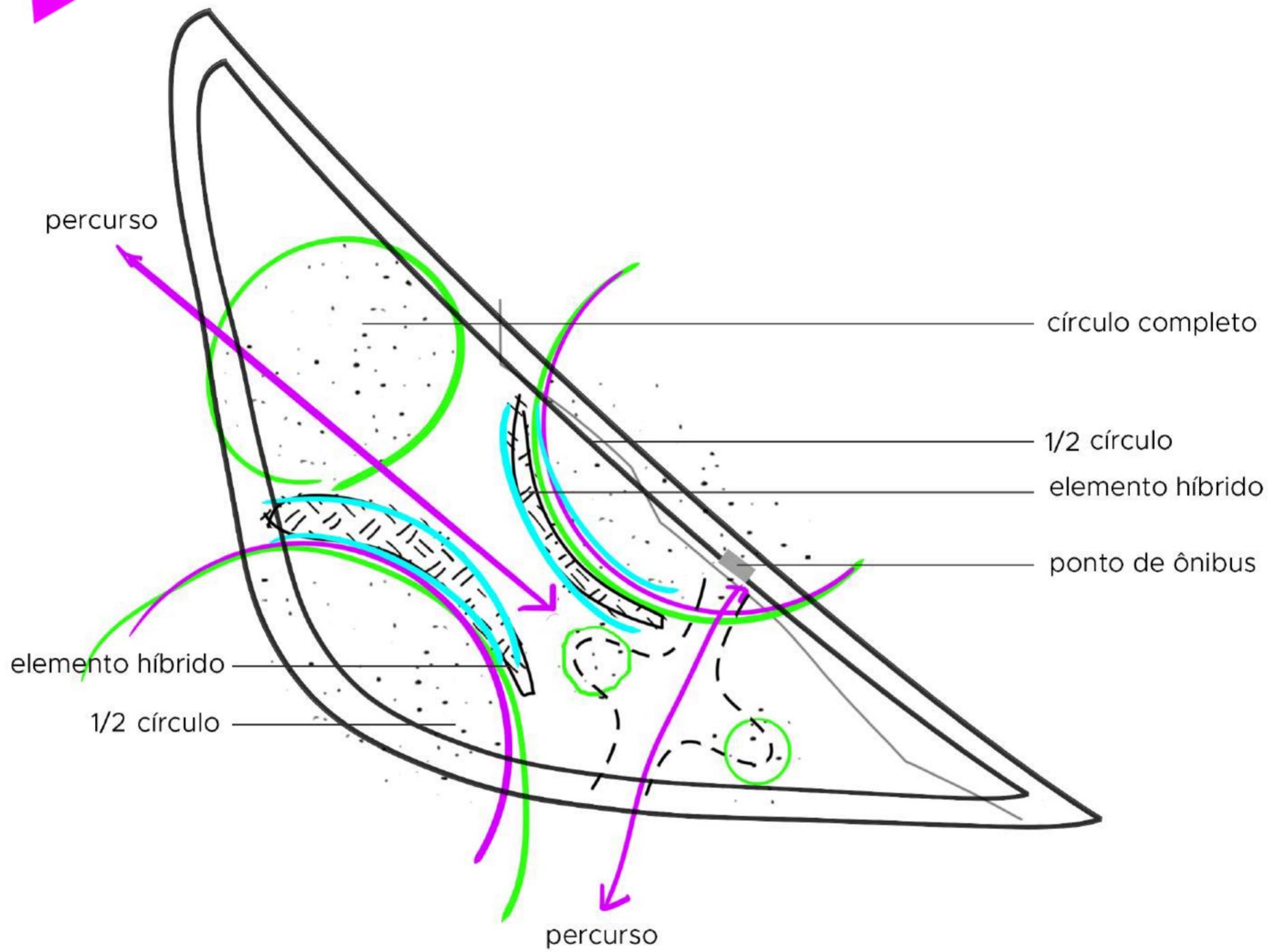


imagem i

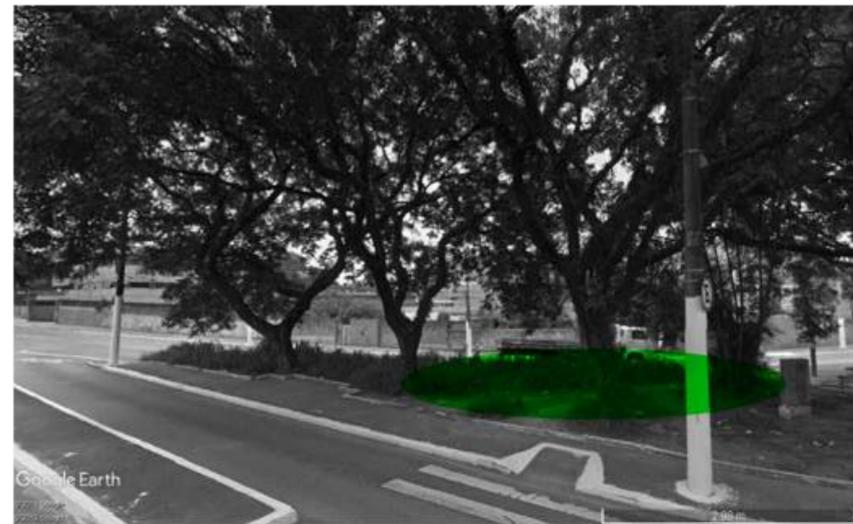




esquema em planta



setorização inicial tgi01

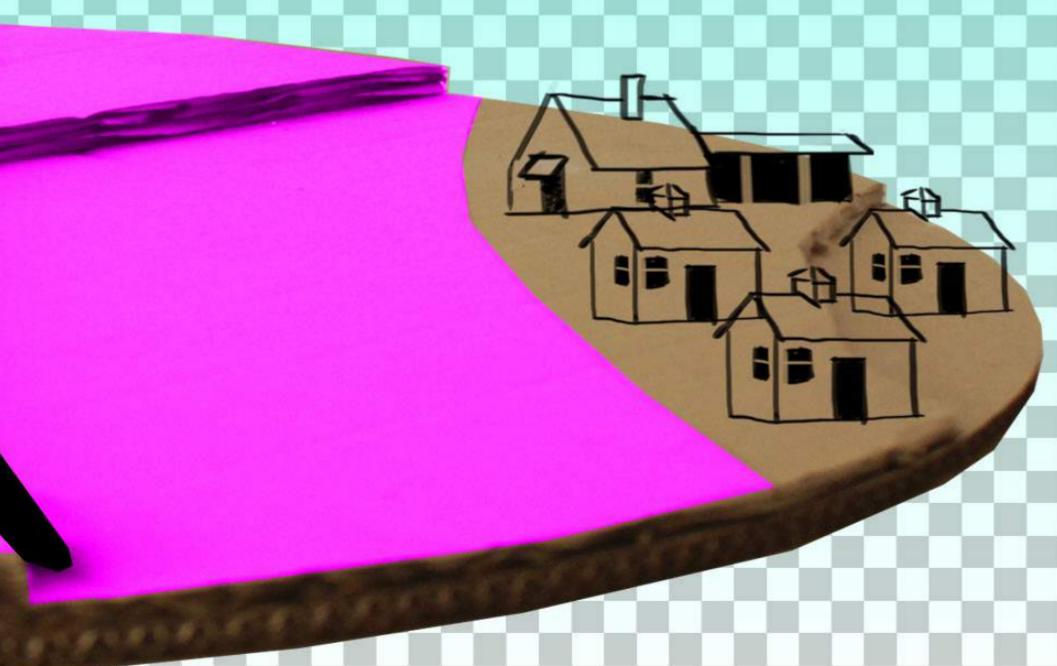


(potencial) ● encontro ■ rastro ▲ movimento

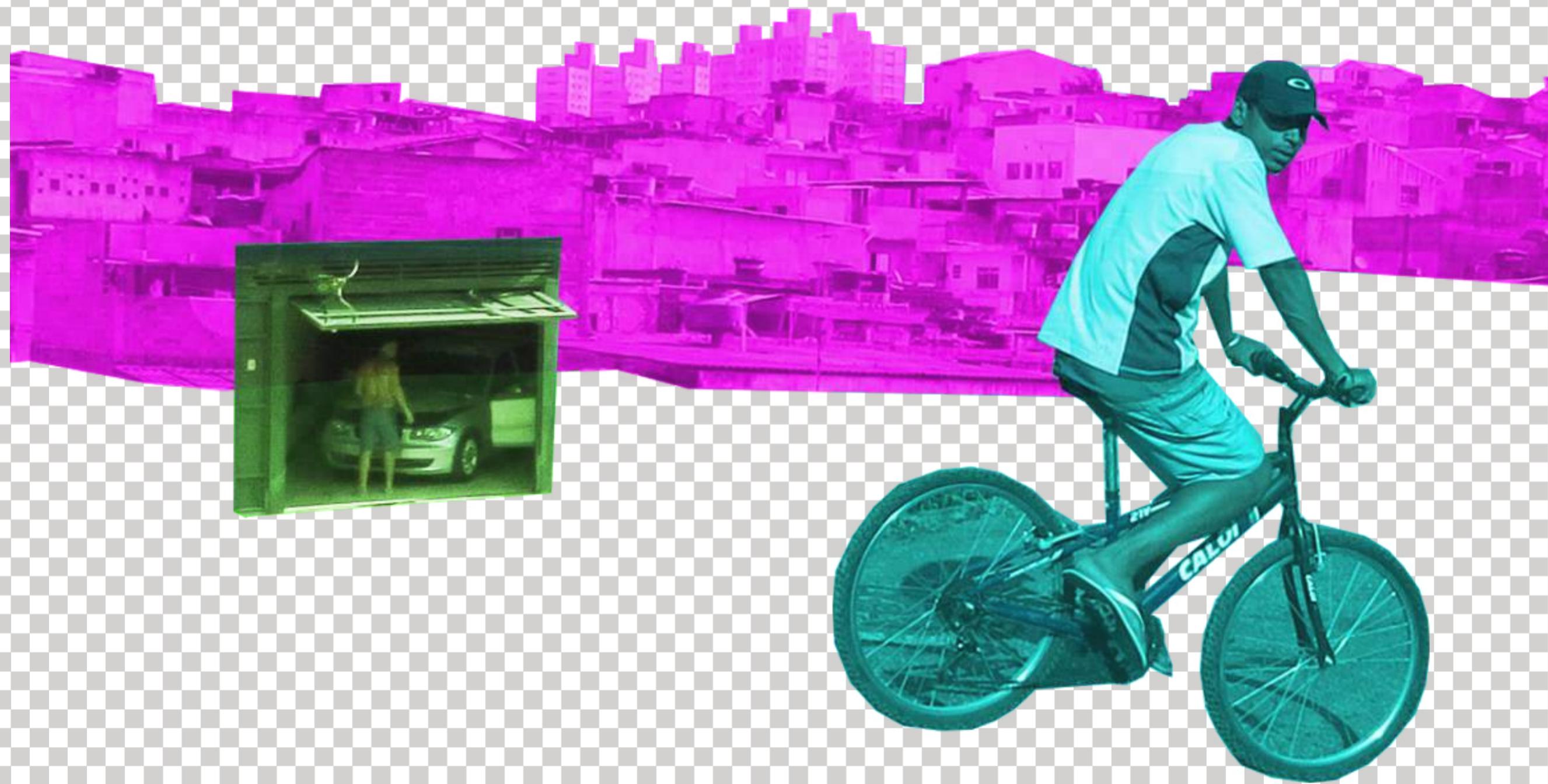


maquette 08





onze





memorial

O local 11 está entre a rua Dalmo Cavallari e a rua Cristóvão Lopes. Cercado por ruas íngremes, a vista da parte superior é um gran-

de atributo do sítio (imagem k). Uma trilha moldada pelo caminhar de pessoas mostra que usar o terreno para atravessar de uma rua para outra é algo comum. Ele difere dos outros lugares escolhidos para intervenção pela sua dimensão, sendo maior; constitui um grande vazio preenchido apenas por uma escada em ruínas e uma entrada para uma residência, arrematada por uma casinha de cachorro (imagem m).

Poucas pessoas ocupam a rua. À noroeste, um ciclista observador (imagem l); ao sul, um senhor fazendo reparos em seu carro com o portão da garagem aberto. Um pequeno bar reúne um grupo de três pessoas. Há também um ponto de ônibus.

O local se destaca pela sua dimensão em relação aos demais. Inicialmente foi setorizado como potencial para encontro (setorização inicial tgi01). Aproveitando estes dois aspectos a intervenção sugerida foi um grande círculo de concreto, ocupando grande parte do terreno, arrematado por um elemento híbrido. Os elementos híbridos são esculturas de concreto com curvatura de “quarter pipe”, ou seja, um quarto de círculo, até a metade de sua altura - um metro - e se estendem até sua altura máxima - dois metros - perpendiculares ao chão. Estes elementos contemplam os três eixos de intervenção: “rastro”, “movimento” e “encontro”. A posição da escultura foi escolhida tangenciando o percurso construído artesanalmente pelos pés dos caminhantes. Comenta, assim, o espaço e acaba por criar uma área mais reservada para a entrada residencial (esquema em planta).

imagem k



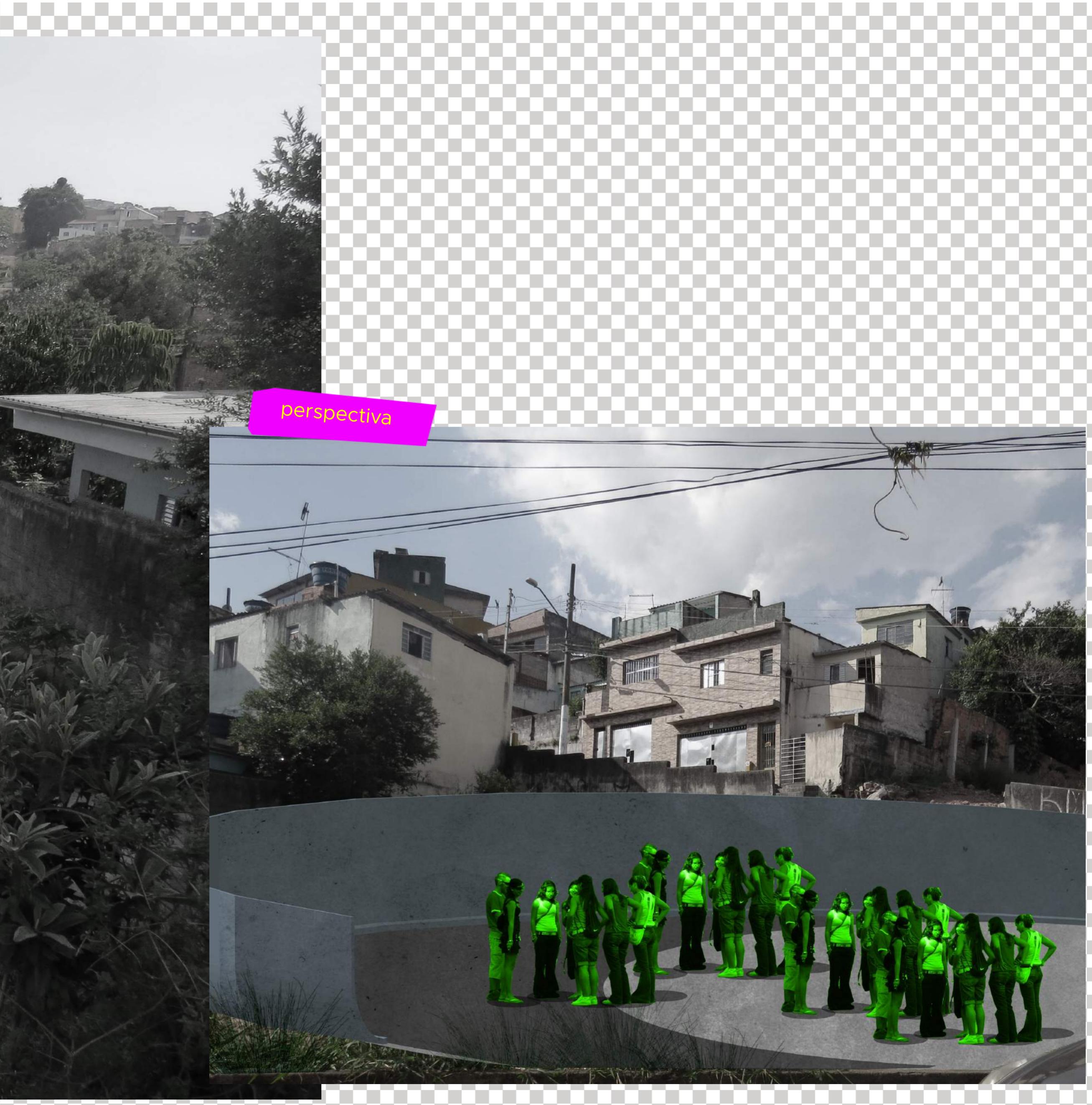
imagem l



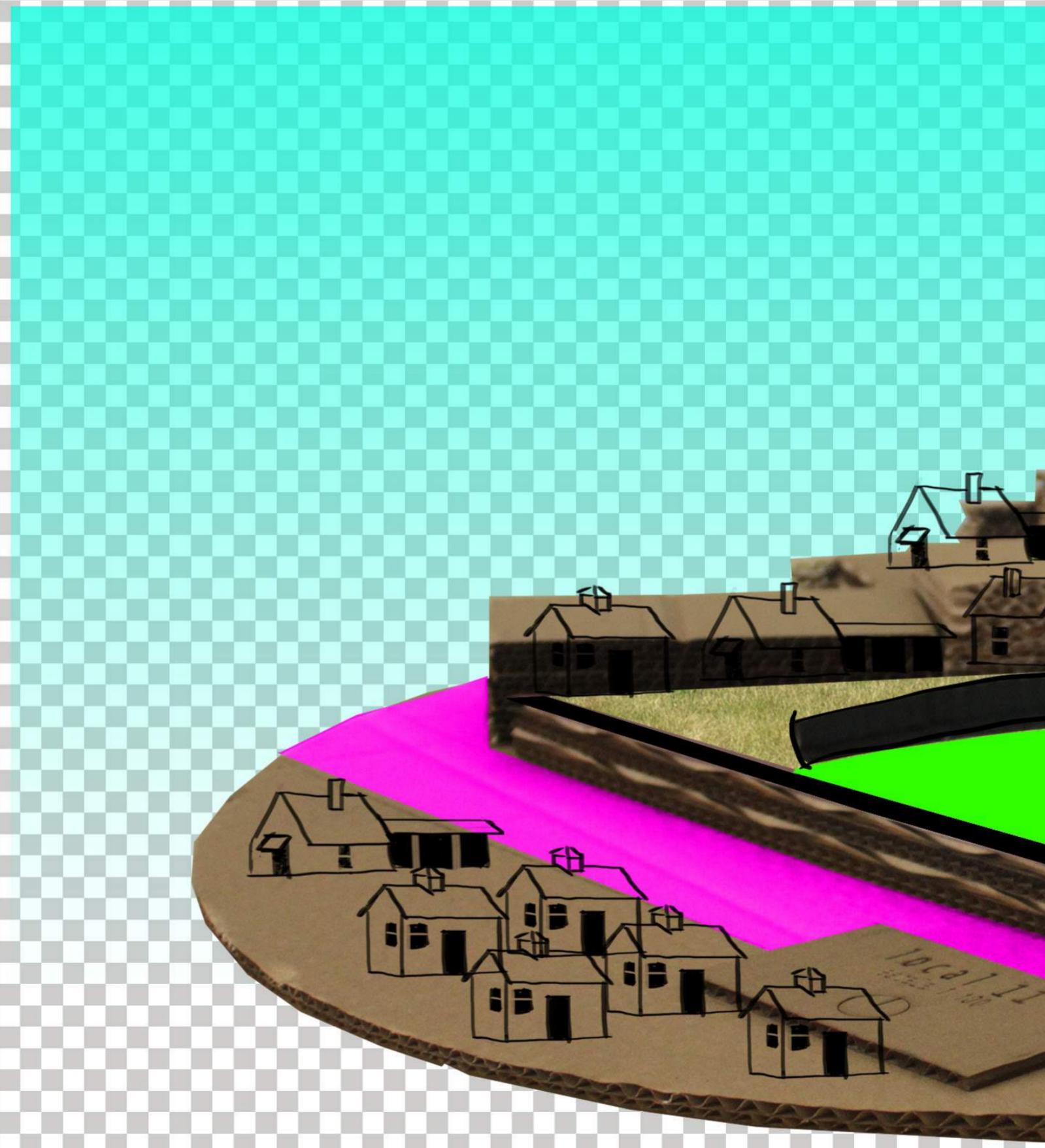
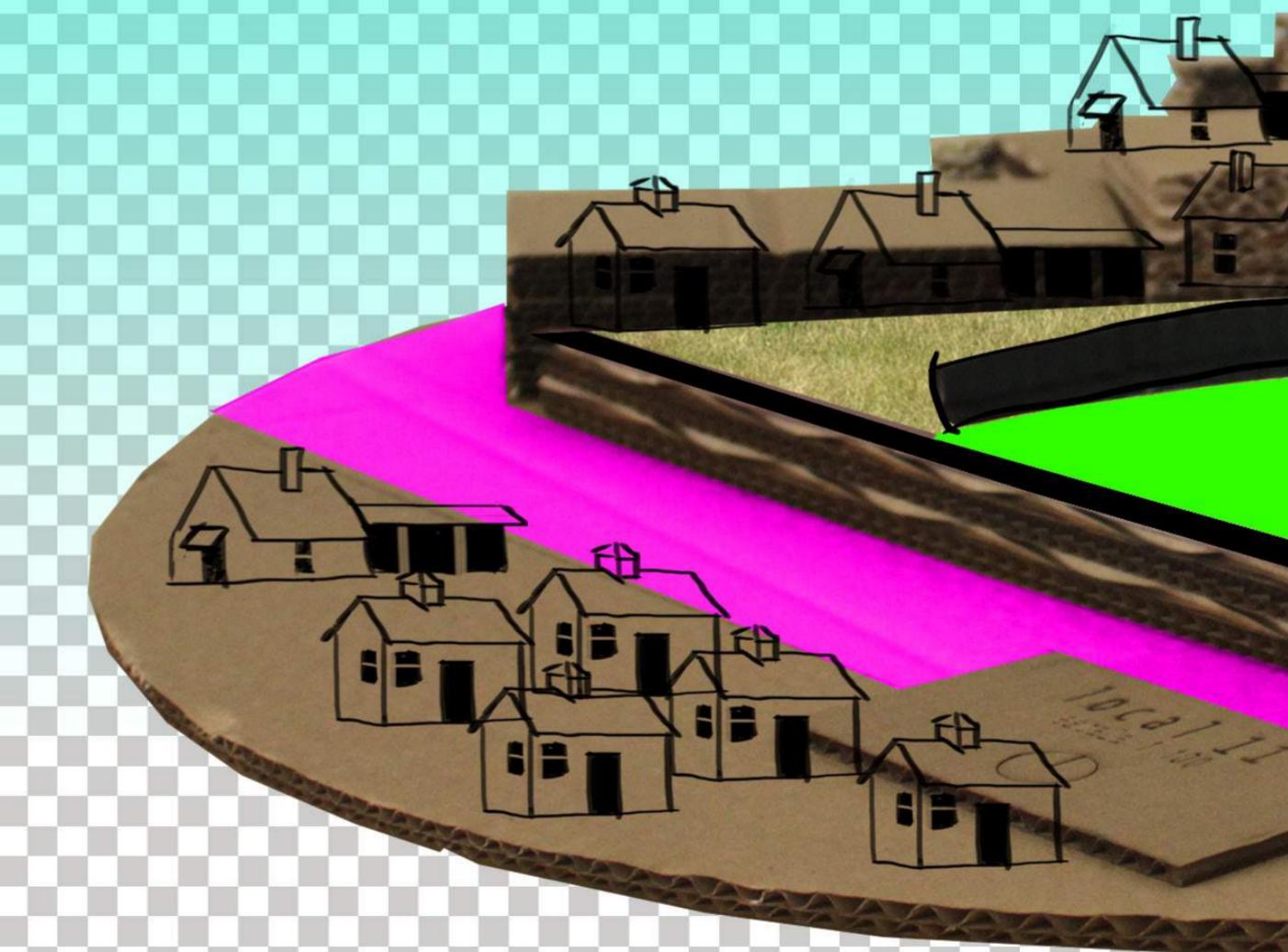
imagem m



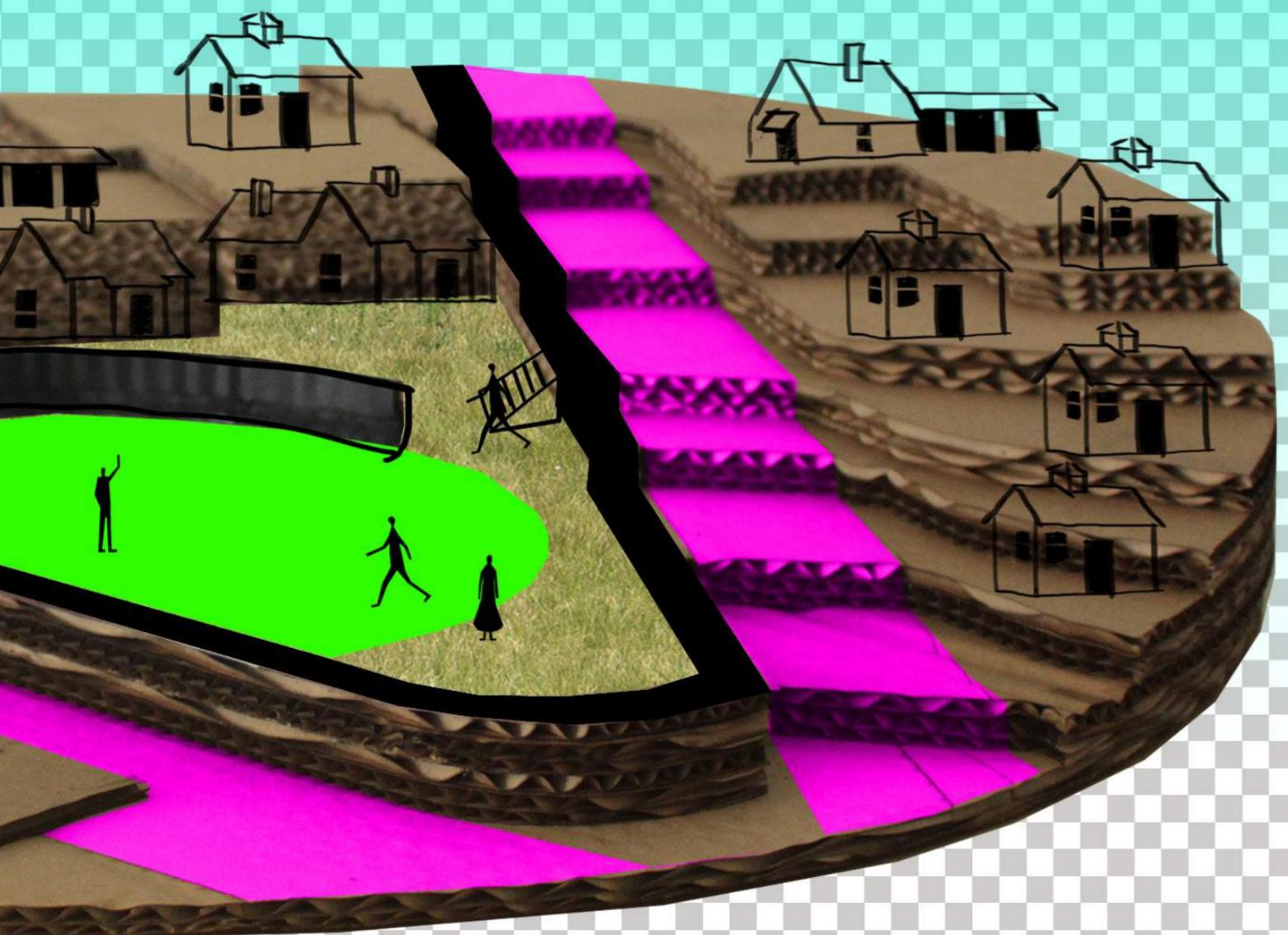


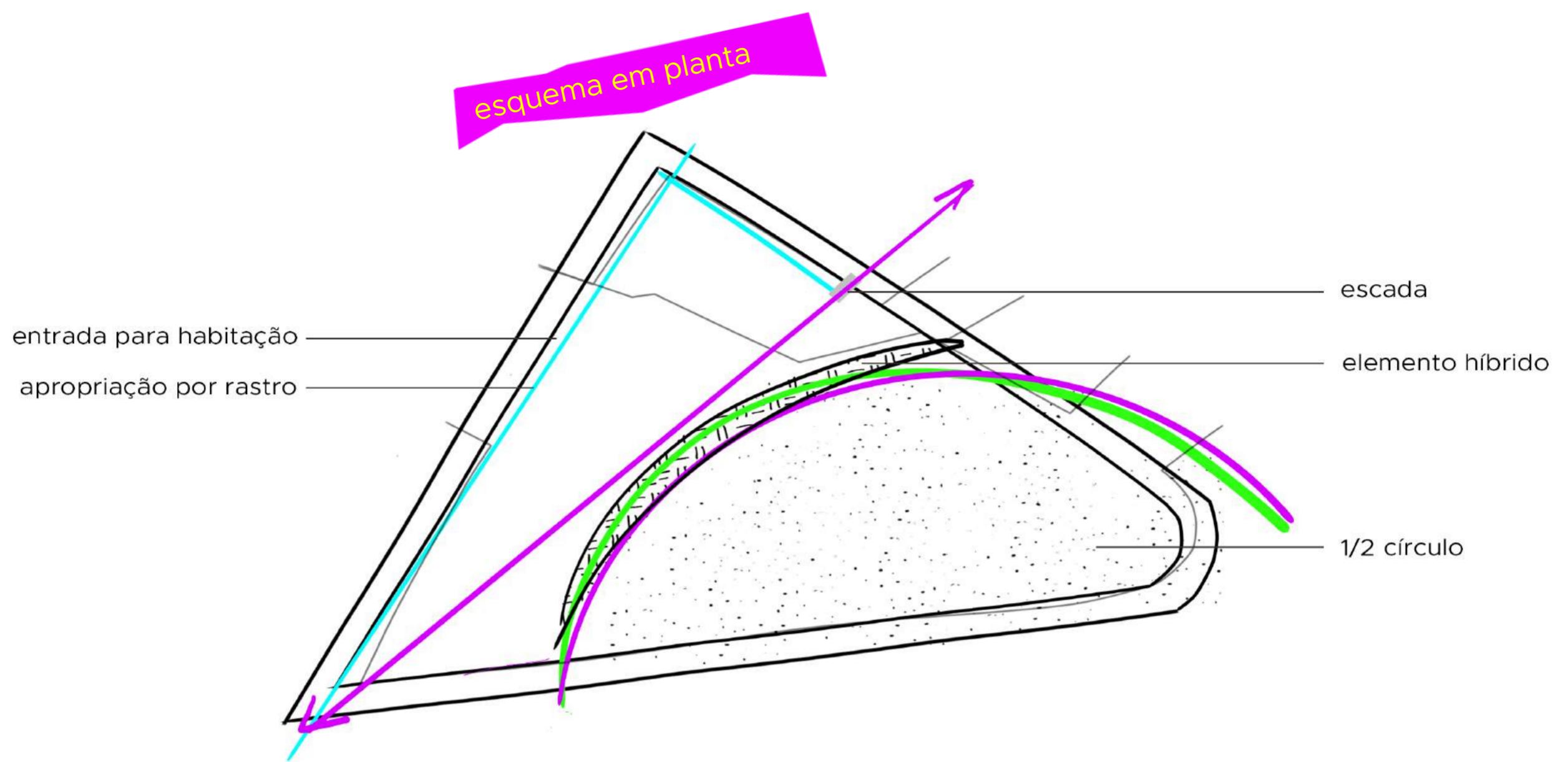


perspectiva

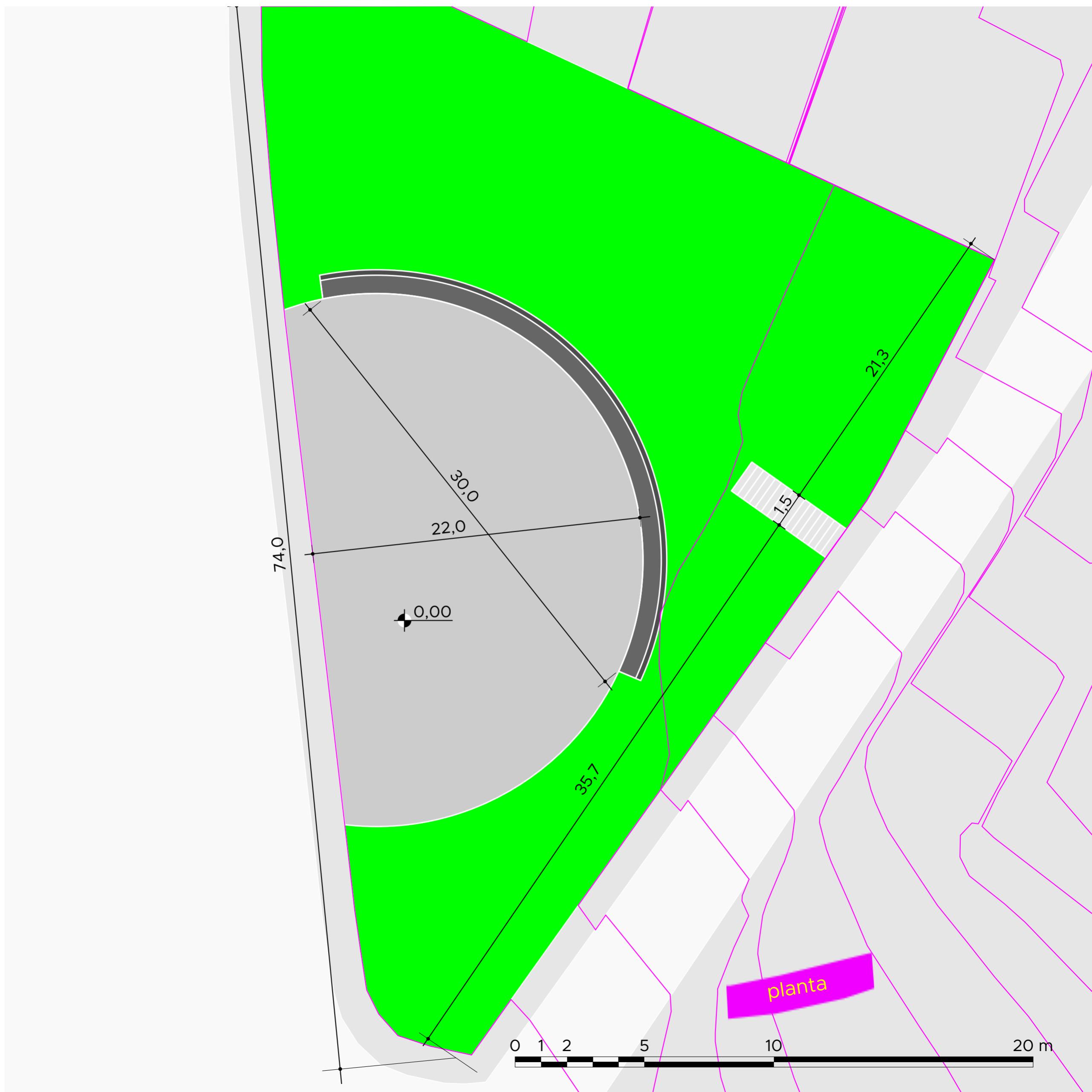


maquette 11





(potencial) ● encontro ■ rastro ▶ movimento





doze



memorial

No encontro das ruas Floco de Neve com a rua Guarapa e a avenida Augusto Antunes está situado o local de intervenção 12. O religioso marcava aproximadamente três horas da tarde de um feriado e muitas pessoas ocupavam as calçadas em frente às suas casas (imagem n). Um grupo de jovens conversava em frente a um comércio fechado (imagem o). Para além de reuniões recreativas, três pessoas lavavam um carro em frente a um “lava rápido” (imagem p). Ao lado do lava rápido, uma simpática quitanda assobrada. Crianças nadavam em caixas d’água no quintal da habitação ao norte da intervenção (imagem q).

Como relatado acima, o entorno é fortemente ocupado pelos moradores locais realizando atividades diversificadas. Do norte para o sul, a quadra que contém o sítio de intervenção engloba uma quadra de esportes, seguida por uma habitação e por fim, o local 12. Este está ocupado por lixo, vegetação alta e cercado por alambrados (imagem r).

Inicialmente o local foi marcado como potencial para “encontro”. Buscando diversificar os usos, um elemento híbrido foi implantado. Este elemento híbrido é uma escultura de concreto com curvatura de “quarter pipe”, ou seja, um quarto de círculo, até a metade de sua altura - um metro - e se estende até sua altura máxima - dois metros - perpendicularmente ao chão e foi projetados para que os três eixos de intervenção “rastro”, “movimento” e “encontro” fossem contemplados. A curvatura e o posicionamento do elemento foram escolhidos para preservar a privacidade da habitação ao norte sem, ao mesmo tempo, causar exclusão. Um semicírculo de concreto, elemento classificado superficialmente como “encontro” - mas que também serve ao eixo “movimento” foi acoplado à escultura híbrida para possibilitar o seu uso pelos skates, bicicletas e patins. Junto às intervenções se sugere a retirada do lixo e do alambrado.

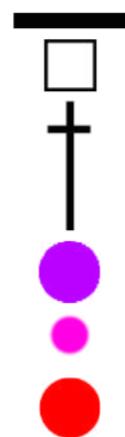


imagem n



imagem p



imagem q



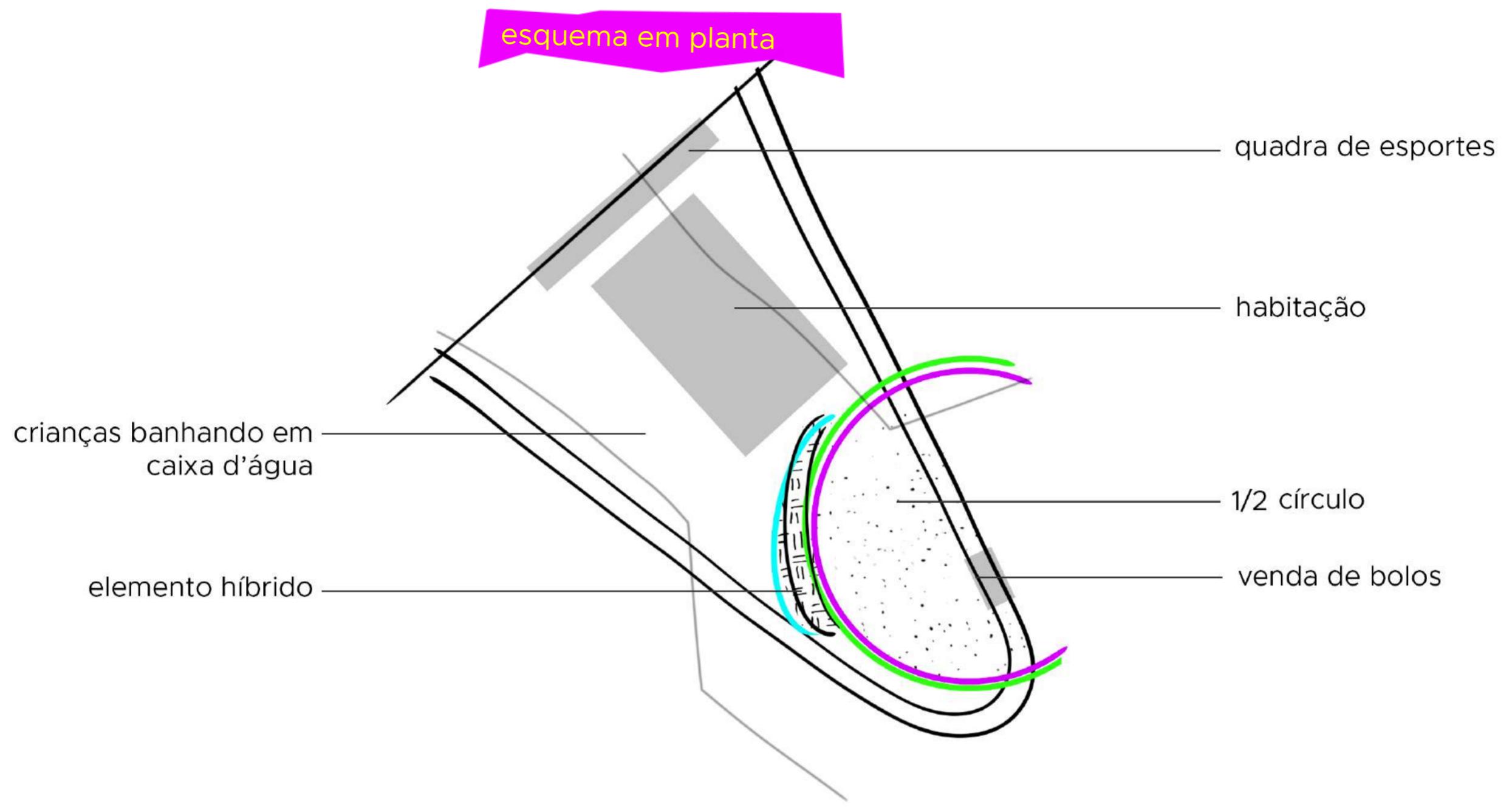
imagem o



imagem r





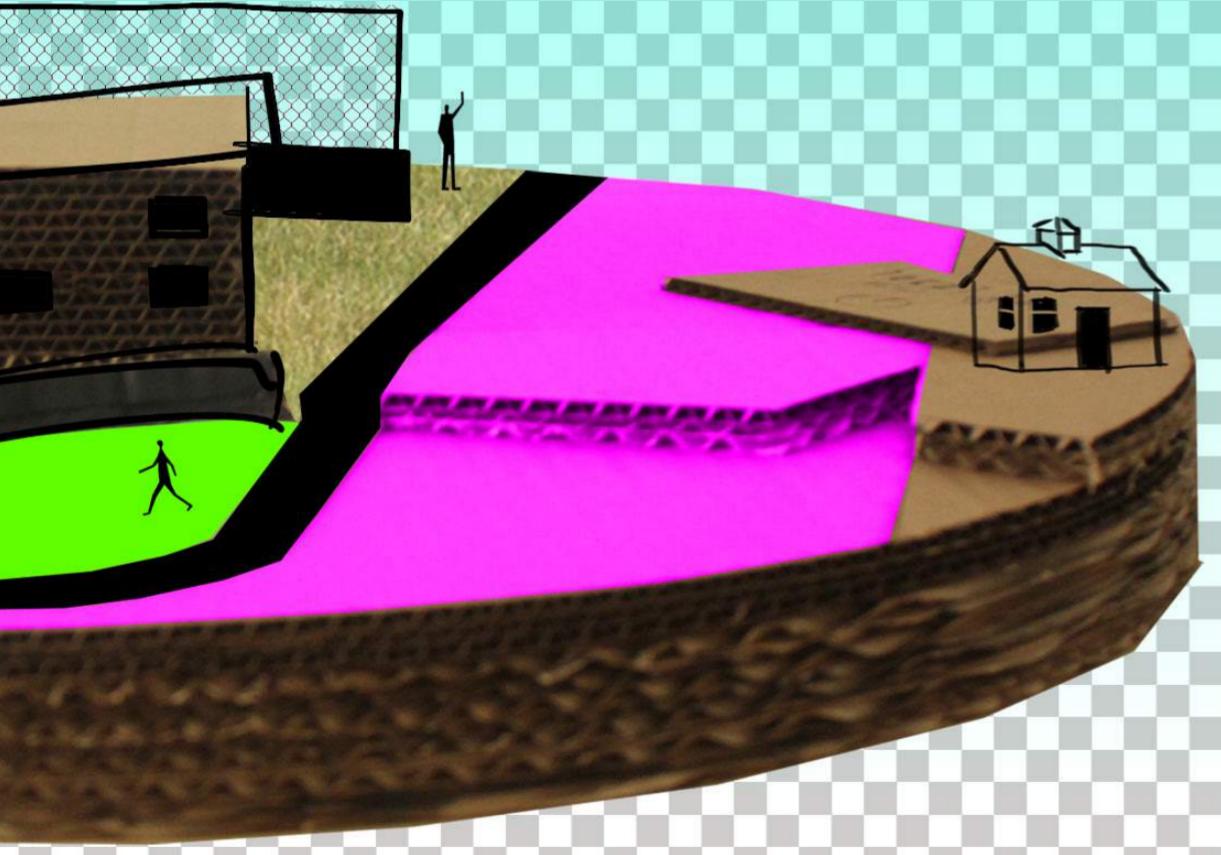


(potencial) ● encontro ■ rastro ▲ movimento



maquette 12









treze

O local 13 é cercado pela avenida Jacu-Pêssego e as ruas Francisco Salles Malta Júnior e Francisco Rodrigues Seckler.

Apesar de se assemelhar a uma praça com dimensões pequenas, este lugar é melhor definido como um canteiro. Uma passarela fortemente apropriada por “rastro” atravessa a avenida Jacu-Pêssego e pousa sobre o sítio (imagem u).

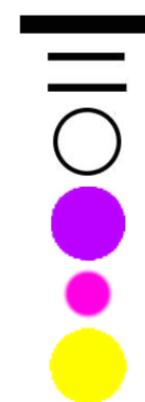
O entorno é majoritariamente residencial.

Diferente de outros locais também selecionados para intervenção, há poucas pessoas na rua. Apenas dois homens e uma criança descansam sob a sombra da passarela (imagem v). Um bar nomeado “Bar do Luizão” (imagem t) é o único comércio imediatamente próximo ao local 13.

Devido a passarela, considerando um fluxo médio de cidadãos, a leitura inicial indicou forte potencialidade para “movimento” e “encontro” (esquema em planta). A pré existência de “rastro” na construção também foi demarcada como possível apropriação mais assídua por este eixo.

Logo, a intervenção proposta buscou englobar “encontro” e “movimento”, podendo também incluir “rastro” - elementos híbridos. Estes elementos híbridos diferem dos anteriores pela forma - combinam “quarter-pipe” e “half-pipe”, ou seja, um quarto de círculo e meio círculo - e pelas suas dimensões. As intervenções no solo foram baseadas no círculo, resultando em dois semicírculos que geram um intervalo gramado.

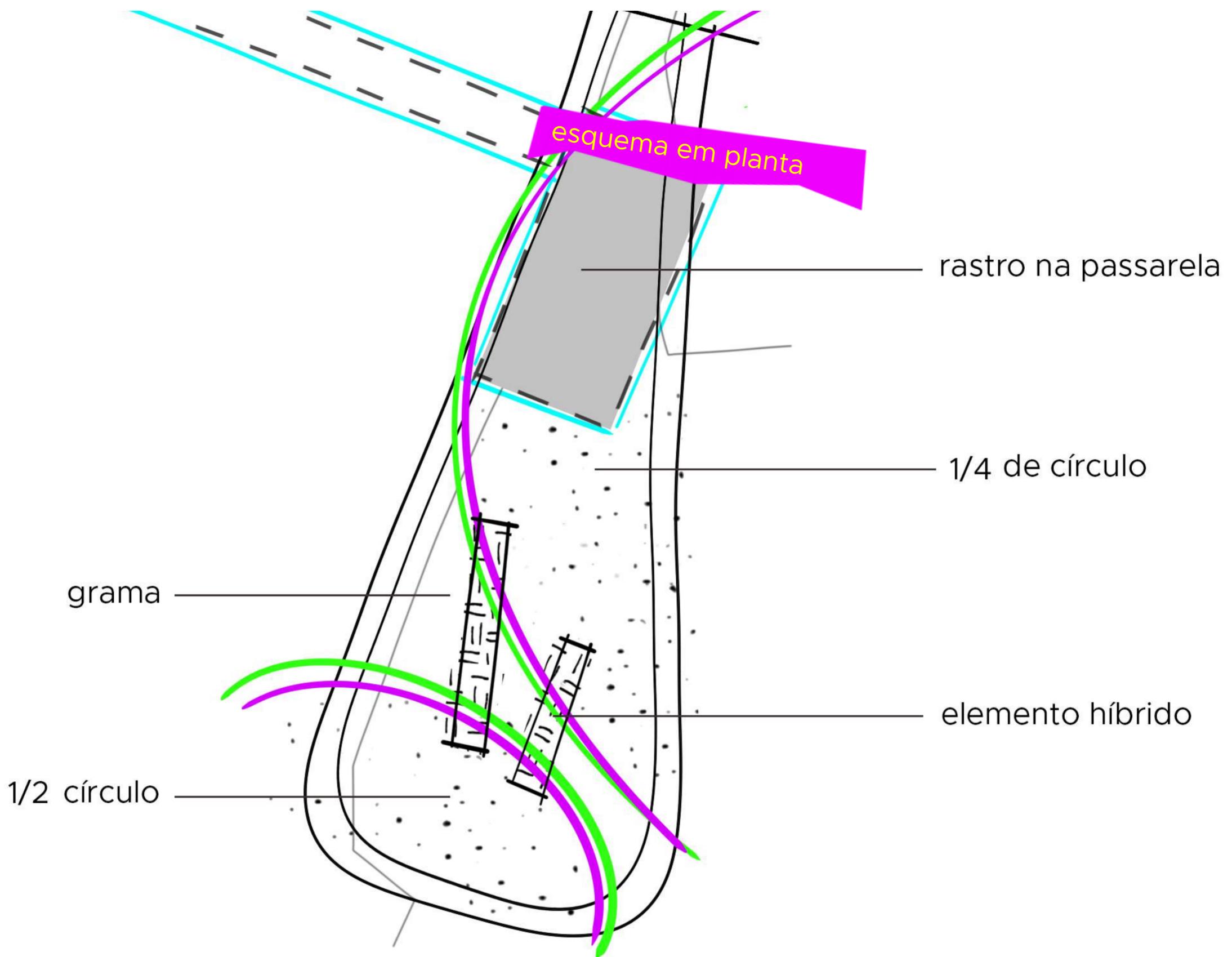
A dimensão de encontro da escultura não se resume apenas aos encontros de skate e bicicletas mas, por possuir uma forma quase lúdica, a apropriação por crianças com fins recreativos também é um possível uso, entre outros.



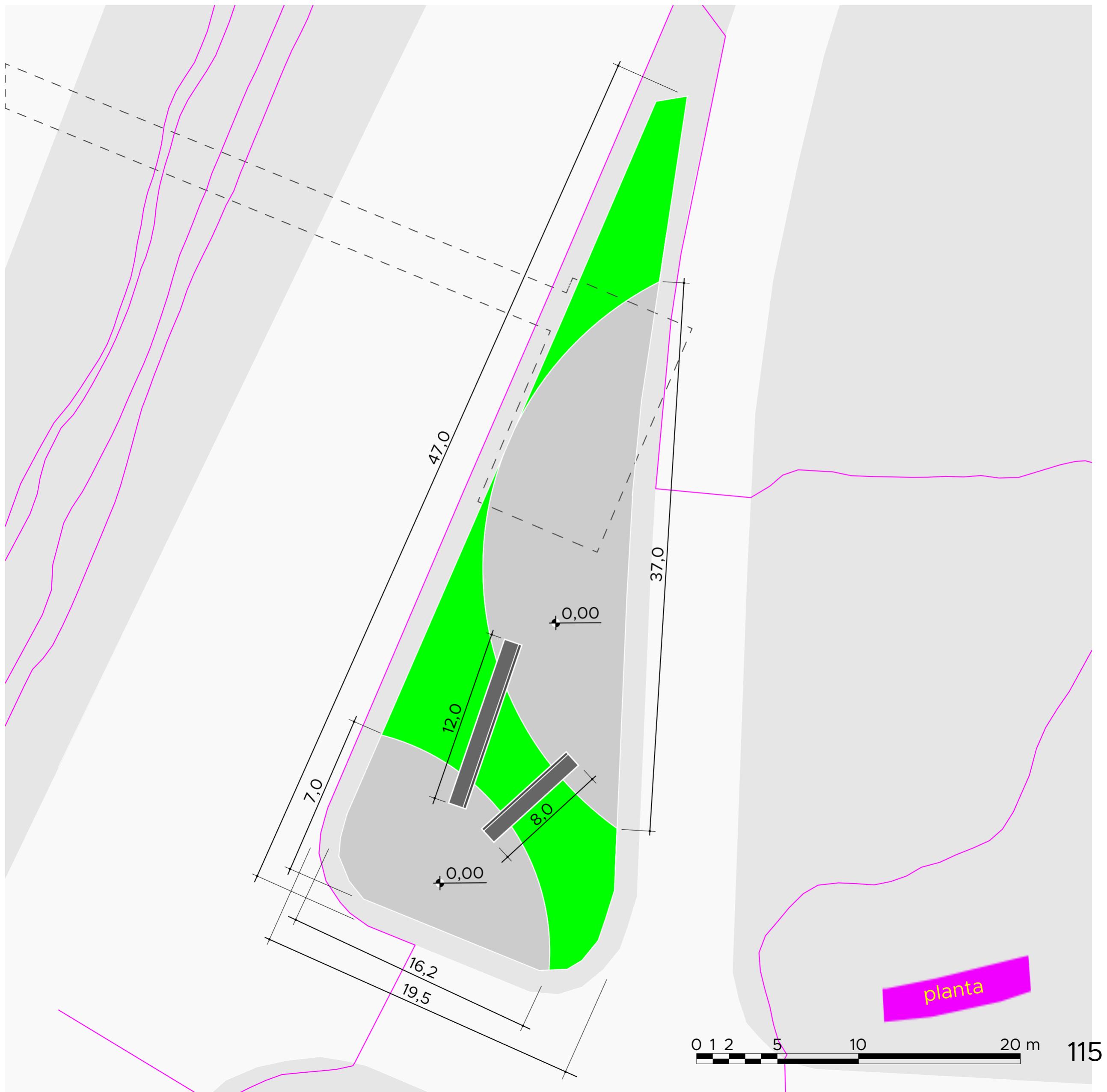




perspectiva



(potencial) ● encontro ■ rastro ▲ movimento





A partir da análise inicial dos 16 pontos escolhidos na primeira etapa deste trabalho tornou-se evidente a relação intrínseca entre os espaços urbanos e seus moradores/usuários, de modo que é praticamente impossível fazer uma intervenção urbana que beneficie esses atores urbanos sem levar em consideração as especificidades de suas relações com cada espaço da cidade.

Apesar de todos os pontos estudados estarem localizados em Itaquera e se tratarem de espaços residuais e subutilizados, cada um desses espaços já possuía uma dinâmica própria, sendo mais ou menos apropriado pelas pessoas de acordo com diversos fatores que iam desde a presença de mobiliários até a presença de barreiras físicas que permitiam ou não o uso destes espaços.

Mas apesar dessas diferenças, a partir da visita desses locais e do esforço em entender essas dinâmicas foi possível estabelecer diretrizes de projetos que ao mesmo tempo que respeitam essas dinâmicas, tentando potencializar os usos identificados, também estabelecem uma coerência projetual entre as intervenções localizadas em cada ponto.

Embora se tenha consciência de que essas intervenções são apenas transformações pontuais no processo qualificação dos espaços periféricos, a partir deste ensaio foi possível desenvolver um conjunto de formas que, ao contrários dos grandes empreendimentos, podem ser replicados em pontos de outros distritos e cidades, criando espaços que incentivam sua apropriação por parte dos moradores, inclusive convidando o desenvolvimento de práticas muitas vezes consideradas marginais como o skate e o pixo.

Por fim, vale ressaltar no projeto dessas formas buscou-se sempre ter sensibilidade para que esses espaços tanto continuassem sendo “identificáveis” pelas pessoas que já utilizavam quanto fossem convidados para o uso por grupos que antes não se sentiam convidados a ocuparem esses espaços. Deste modo, os pontos projetados constituem um ensaio de construção de espaços democráticos e heterógenos que se opõem às políticas públicas de caráter controlador e, muitas vezes, higienistas.

referências

bibliográficas





ABREU, Estela dos Santos & JACQUES, Paola Berenstein (orgs.). **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

ADORNO, Theodor. **Indústria cultural e sociedade.** São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BRANDÃO, Leonardo. **Corpos deslizantes, corpos desviantes: A prática do skate e suas representações no espaço urbano (1972-1989).** Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados, 2006.

_____. “O skate invade as ruas”: **História e heterotopia.** Revista Rua, Campinas, v. 2, n. 20, p. 52-60, 2014.

BRITTO, Eduardo (org.) **A Onda Dura: 3 décadas de skate no Brasil.** São Paulo: Parada Inglesa, 2000.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade.** São Paulo: Contexto, 2004.

DASKALOV, Teodor. **Design and construction of a skateboarding recreational facility.** Vi-samäki: Häme University of Applied Sciences, 2015.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana.** Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1999.

_____. “O Direito à Cidade”, p. 105-118; In: **O Direito à Cidade.** Editora Centauro. São Paulo, 2001.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. **De “carrinho” pela cidade: A prática do street skate em São Paulo.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.

NEFS, Merten. **Subculturas e revitalização urbana: Experiências recentes em Amsterdã, Berlim e São Paulo.** 2004.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é contracultura.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SÃO PAULO (Município). Lei 16.050, de 31 de julho de 2014. Aprova a Política de Desenvolvimento Urbano e o Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo e revoga a Lei n. 13.430/2002. São Paulo, SP.

SILVA, Luis Eduardo da. **A marginalidade da cultura underground.** 1995. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Londrina.





